

Proletários de todos os países UNI-VOS!

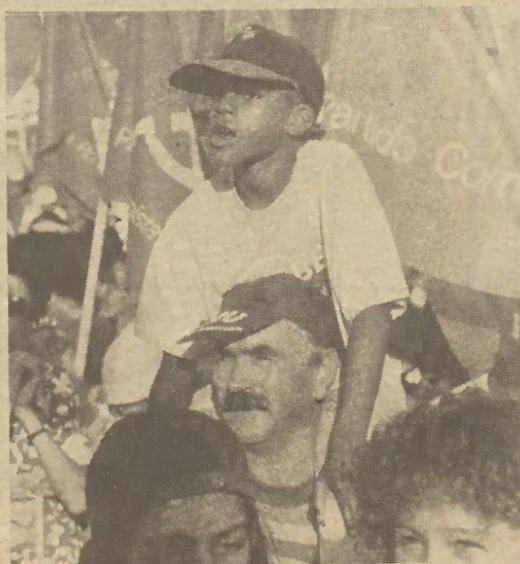
Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 2 de Setembro de 1995 • Preço: 150\$00 (IVA Incluído) • N.º 1135 • Director: Carlos Brito

Domingo, 17 horas
Palco 25 de Abril

**Todos
ao
comício!**



Dar a volta a isto para a mudança verdadeira

Carlos Carvalho
na abertura da Festa



EDITORIAL

Pela terceira vez

Pelo terceiro ano consecutivo, o «Avante!» sai com uma edição especial no decorrer da Festa. Tornou-se assim uma tradição esta do nosso jornal ombrear com a imprensa diária na cobertura do acto político inaugural, na reportagem da primeira «volta ao mundo» da Atalaia e a revelação das mais significativas novidades, com os grandes destaques e o comentário da primeira noite de espectáculos, com outras informações úteis sobre os caminhos da Festa.

A edição especial do «Avante!» contribui, não temos dúvida, para a valorização da Festa porque amplia muito a informação que sobre ela é dada, incluindo junto dos próprios visitantes, que ficam melhor inseridos na sua realidade e, portanto, em melhores condições de participar nas suas diferentes manifestações.

Não escondemos, porém, que o objectivo é também promover o próprio «Avante!», desde logo junto seus habituais leitores, prestando-lhes uma informação extraordinária e em cima da hora, mas promovendo-o sobretudo junto de muitos milhares de seus potenciais leitores, que desejamos que se tornem seus leitores habituais depois desde primeiro ou eventual contacto com o nosso jornal e a temática que escolhemos para o presente número.

O «Avante!» especial da 19ª edição da Festa do «Avante!» procura reflectir toda a pujança daquela que é consensualmente considerada a maior iniciativa político-cultural de massas que se efectua no nosso país e procura salientar a alta qualidade e toda a novidade que comporta, nomeadamente, o programa cultural da Festa deste ano.

Mas tal como a própria Festa, esta edição do «Avante!» centra também as suas atenções na grande batalha política em que os comunistas e os seus aliados da CDU estão empenhados - a campanha das próximas eleições para a Assembleia da República.

Publicando largos extractos do Programa Eleitoral do PCP e comentários sobre medidas propostas em algumas áreas nevrálgicas, apresentando em contrapartida uma selecção de posições de outras forças políticas, dando notícias, designadamente, de apoiantes da CDU que têm sido divulgados pela coligação, esta edição especial do «Avante!» procura contribuir para o intenso trabalho de esclarecimento que importa realizar, para armar os activistas que se propõem fazê-lo e incentivar muitos mais a tornarem-se activistas desta campanha que visa assegurar o aumento da votação e dos eleitos da CDU e a derrota da direita e da política de direita.

É mais uma ajuda para dar a volta a isto.

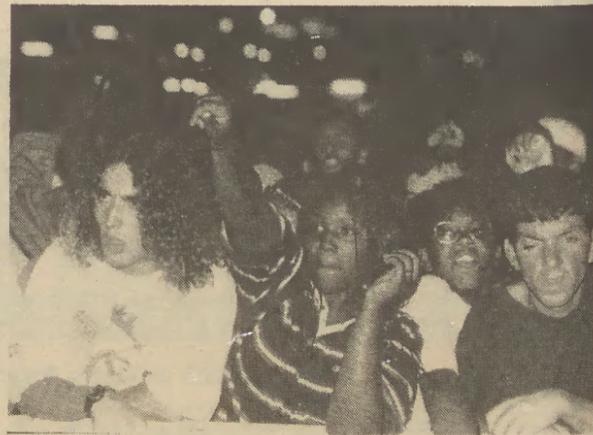
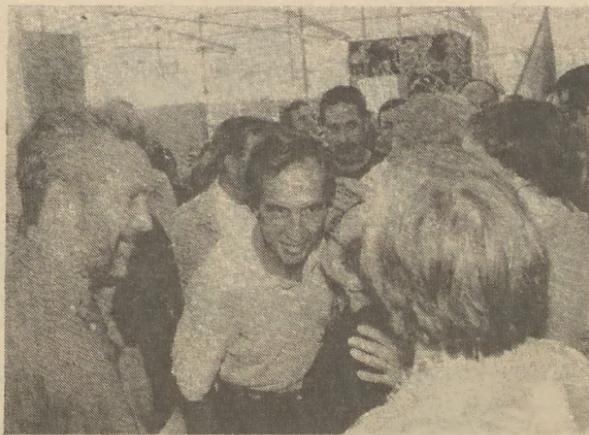
O desenrolar da longa pré-campanha eleitoral em que temos vivido demonstrou, ainda com mais evidência do que noutros períodos, os efeitos extremamente negativos, para o país e as suas forças progressistas, do desaparecimento de grande parte da imprensa democrática e da concentração do controlo dos grandes meios de comunicação social nas mãos de alguns (poucos) grupos capitalistas e do Governo de direita.

Esta situação confere uma importância acrescida à imprensa do PCP e em especial ao «Avante!», que se tornou na grande voz discordante na comunicação social do nosso país.

O aumento da difusão do nosso jornal pela via das assinaturas, da compra no circuito comercial ou nas organizações do PCP é essencial para que possa reforçar este papel e contribuir ainda mais para o desmascaramento e o combate à política de direita, para dar voz e apoiar as aspirações e as reivindicações do nosso povo, para incentivar a luta por uma política de esquerda para o nosso país.

A imprensa livre do controlo dos grupos capitalistas precisa de ser apoiada e acarinhada pelos democratas, não por qualquer capricho conservador, mas precisamente pelo contrário, porque a sua existência é essencial à democracia e à causa dos trabalhadores e do progresso social.

■ CB



Abertura em cheio para três dias de Festa Verde é a cor da confiança

O grande espaço relvado inundou os olhos dos primeiros visitantes da 19ª Festa do «Avante!», que ontem abriu as suas portas pouco antes das 19 horas, ao som de foguetes que anunciavam o arranque para três dias irrepetíveis de música, convívio, alegria, esclarecimento e debate.

Pela primeira vez, este ano todas as organizações têm os seus pavilhões implantados em terreno com relva, mas esta estendeu-se também pela encosta junto à quinta e por outras áreas onde agora é mais agradável repousar o corpo e gozar a vista. O verde, que nos últimos anos foi uma novidade a alargar-se na Atalaia, é a cor da Festa do «Avante!» de 1995.

A um mês das eleições legislativas, o ambiente sentido no início desta Festa foi de visível confiança quanto aos resultados da CDU. A confiança viu-se quer no entusiasmo com que centenas de pessoas participaram no breve acto solene de abertura, quer depois, durante a volta que o secretário-geral do PCP deu pelos pavilhões das organizações, nas várias formas como diferentes visitantes da Atalaia se diziam satisfeitos com os frutos do trabalho já realizado («Aqui por lá está a mudar», assegurava um bronzeado beirão, enquanto ele e mais meia-dúzia de amigos e familiares cumprimentavam calorosamente Carlos Carvalhas), outros reafirmando que «vamos a isto, para um bom resultado» (no espaço do Porto, por exemplo, distribuiu-se já propaganda para o grande comício de 17 de Setembro), outros trabalhando ali mesmo («Aqui o meu cunhado tem votado noutros, mas vamos lá ver agora como será» - fez questão de explicar um camarada que interrompeu uma ani-

mada conversa para apresentar aos convivas o secretário-geral do PCP).

A par das características marcadas e tradicionalmente populares da Festa, o primeiro dia também mostrou novamente a Atalaia como o ponto de encontro preferido de muitos milhares de jovens.

Isto tudo veio a propósito daquilo que nós vimos ontem. O leitor-visitante tem dois dias à sua frente para descobrir outros traços que marcam esta edição da Festa do «Avante!». Visite a exposição política central, não perca a Bienal de artes plásticas, faça o percurso da música ao seu gosto, participe num debate que

o interesse, prove os sabores do País, mergulhe na solidariedade internacionalista, esteja no comício de domingo.

Certamente somará muitas mais cores ao verde-confiança que nos inundou os olhos quando chegámos à Atalaia.

■ DM



Para o regresso amanhã Ainda há lugares no comboio da juventude

A Juventude CDU organizou um comboio especial do Porto para a 19ª Festa do «Avante!», que chegou anteontem à tarde a Santa Apolónia (com ligação em autocarros à Quinta da Atalaia), depois de ter recolhido centenas de jovens nos distritos de Aveiro, Coimbra e Santarém. Com esta iniciativa, inserida na pré-campanha eleitoral, pretendeu a Juventude CDU facilitar os transportes e juntar em viagem muitos jovens que todos os anos fazem da Festa um ponto de encontro obrigatório.

À chegada do comboio a Lisboa, foi feita à comunicação social uma declaração de candidatos jovens da CDU. João Frazão, candi-

dato por Setúbal, salientou o ambiente de convívio, camaradagem e confiança que reinou durante as quatro horas de viagem.

No espaço da juventude ainda é possível comprar bilhetes para o regresso. Os autocarros partem da Quinta da Atalaia (saída da Festa junto à Quinta da Princesa) às 23 horas de domingo. O comboio da Juventude CDU efectua paragens em Santarém, Entroncamento, Alfaielos, Coimbra, Aveiro, Ovar, Espinho e Gaia, terminando a sua marcha cerca das 5 horas, na estação da Campanhã. Os preços dos bilhetes variam entre 500 escudos (Santarém) e 1500 (Gaia e Porto).

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socio Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socio Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7ª-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$000. CRC matricula: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A,
— 1100 Lisboa
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linbó — 2710 Sintra
Tel. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lj. 227 — 4470 Maia
Tel. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7ª-A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)

50 números: 6 750\$00;

25 números: 3 487\$50

ESPAÑA

50 números: 13 300\$00

EUROPA

50 números: 24 750\$00

GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU

50 números: 26 650\$00

EXTRA-EUROPA

50 números: 39 950\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____ Telef. _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.



Festa da juventude Festa do povo Festa dos trabalhadores

O início da 19ª Festa do «Avante!» foi assinalado ontem às 19 horas, com um muito participado acto de abertura em que interveio o secretário-geral do PCP e cabeça-de-lista da CDU pelo círculo eleitoral de Lisboa. Num breve discurso que aqui reproduzimos, o dirigente comunista considerou que esta é a «Festa da juventude, Festa do povo, Festa dos trabalhadores, Festa das portuguesas e dos portugueses que aspiram a uma nova política, que aspiram ao progresso e justiça, que aspiram ao aprofundamento da democracia política, económica, social e cultural, Festa que é reconhecidamente a maior realização política e cultural de massas realizada no nosso país».

Com este acto damos início à nossa Festa, Festa da juventude, Festa do povo, Festa dos trabalhadores, Festa das portuguesas e dos portugueses que aspiram a uma nova política, que aspiram ao progresso e justiça, que aspiram ao aprofundamento da democracia política, económica, social e cultural. Festa que é reconhecidamente a maior realização política e cultural de massas realizada no nosso país.

O contentamento que encontramos espelhado no rosto da juventude, no rosto dos construtores da Festa do «Avante!» e de todos os que aqui estão reunidos neste singelo acto inaugural é a alegria de verem que o espaço da Atalaia está este ano ainda mais bonito, mais verde e que tudo isto é obra de homens, mulheres e jovens que com uma grande generosidade aqui deixaram muitas horas de trabalho, muitas das suas horas de convívio familiar, de lazer e até das suas férias.

Para todos a nossa saudação, para todos a nossa gratidão. Saudações e agradecimentos que se dirigem a todos e a todas que aqui, directa ou indirectamente, contribuíram para erguer esta Festa da liberdade e da democracia, Festa do Portugal que luta, sonha e constrói. Saudações para os moradores da urbanizações vizinhas da Atalaia, pela sua cooperação, ajuda e compreensão, que sempre têm manifestado por esta importante realização. Saudações e boas vindas a todos os que, independentemente das suas convicções políticas, nestes três dias aqui virão à Atalaia, um espaço que reflectindo os objectivos da nossa luta e os valores do Partido da classe operária e de todos os trabalhadores, valores solidamente ancorados na cultura, na identidade, no património e nas aspirações do povo português, é por isso mesmo um espaço de acolhimento fraterno, aberto, um espaço de convívio, de diálogo, de divertimento e também, naturalmente, de debate e intervenção.

Esta Festa é uma mostra do trabalho militante do nosso Partido, da sua identidade, da sua natureza de classe, das suas raízes populares e nacionais, de um Partido confiante e voltado para o futuro, o Partido Comunista Português. E como esta se realiza este ano em vésperas de importantes eleições legislativas, a elas consagraremos, a par da nossa solidariedade activa para com os povos em luta, uma importante atenção na nossa mensagem, na nossa reflexão e intervenção.

Intervenção de Carlos Carvalhas na abertura

O País está numa encruzilhada. A nossa Festa decorre numa grave situação económica e social e não se resolvem os problemas com demagogias, com passes de mágica ou com os habituais truques de troca de líder para dar a ideia de que agora é que vai haver mudança.

As próximas eleições, cuja campanha eleitoral se inicia oficialmente daqui a pouco mais de quinze dias, são uma oportunidade para se dar a volta a esta situação, uma volta a sério, uma mudança verdadeira.

E a questão que se coloca é a seguinte: ou Portugal segue uma via de desenvolvimento assente na defesa e valorização da produção nacional, na defesa da nossa agricultura, pescas e indústria, no aumento do poder de compra, no aumento das pensões e reformas, na melhoria do nível e qualidade de vida das populações, na dinamização do investimento e do emprego, ou Portugal continua no essencial com a mesma política, tendo como consequências a crescente dominação pelo estrangeiro do aparelho produtivo nacional, o aumento do desemprego, a subalternização e subcontratação da economia portuguesa.

Pela nossa parte defendemos que é preciso colocar o emprego, o trabalho com direitos e a melhoria do poder de compra das populações como grandes prioridades nacionais.

Na apresentação feita há dias do nosso Programa Eleitoral, demonstrámos que é possível e necessário seguir outro caminho, que não há um «pensamento único», que é urgente seguir o caminho do desenvolvimento e do progresso social, da defesa da soberania e da independência nacional.

Há de facto possibilidades

reais de mudança, que o mesmo é dizer que há possibilidades efectivas de se derrotar não só o PSD, mas também a política de direita, o que passa pelo reforço da CDU, que aponta claramente para uma saída pela esquerda.

É neste quadro que a nossa Festa vai também desempenhar um importante papel como factor de dinamização e de arranque para esta última caminhada da campanha eleitoral em que procuraremos centrar o debate dos problemas que afligem o nosso povo e sobre as propostas, as soluções, o projecto, debate que se quer sério, sereno, pluralista e construtivo, de modo a que os cidadãos possam escolher em consciência.

Há hoje à nossa volta uma grande corrente de apoio e simpatia e de adesão às nossas propostas. São cada vez mais os que nos vêem justamente como uma força essencial para uma verdadeira alternativa democrática.

Há agora que ganhar mais trabalhadores e trabalhadoras, mais portuguesas e portuguesas para o campo da democracia, da luta por uma nova política e não por uma mera alternância ou mudança formal.

O PSD fala como se depois dele viesse o dilúvio. É o «nós ou o caos». Comporta-se como se fosse o dono e senhor da sorte dos portugueses e do destino de Portugal.

Está nas mãos dos cidadãos virar definitivamente esta página. Encaramos com uma grande confiança, combatividade e serenidade as próximas batalhas.

Esta grande Festa do povo é sem dúvida uma grande afirmação de um grande Partido nacional e patriótico, uma grande afirmação de mobilização, dinamismo, organização e de confiança no presente e no futuro do nosso devir colectivo.

Aqueles que gostariam de nos ver desmobilizados e sem força aqui nos têm, para mal dos seus pecados, dos seus vaticínios e dos seus desejos, combativos, com entusiasmo e de cabeça erguida, lutando com o povo e pelo povo, realizando neste espaço da Atalaia esta bela Festa onde se funde tradição e modernidade, reflexão e divertimento, lutando por uma política ao serviço dos portugueses e de Portugal.

A Festa está aberta. Que sejam três dias de alegria, fraternidade, convívio, cultura e intervenção.

Viva a CDU!
Viva a Festa do «Avante!» 1995!
Viva o Partido Comunista Português!





Carlos Brito inaugurou a IX Bienal de Artes

As cinco e meia da tarde de ontem inaugurava-se, mesmo antes de a Festa abrir as suas portas, a Bienal de Artes Plásticas, desta vez em IX edição e com o aliciante de ali podermos também apreciar reproduções de 80 obras de Van Gogh.

Com uma melhor organização do espaço e das condições de exposição, a IX Bienal apresenta um vastíssimo conjunto de obras plásticas de numerosos artistas portugueses. O visitante não deixará de notar a diferença, para melhor, relativamente às edições anteriores. Atrevo-mo-nos a dizer o mesmo da qualidade do conjunto das obras expostas, mas, nessa matéria, vale a opinião do visitante...

O certo é que a Bienal da Festa, como afirmou Carlos Brito na inauguração de ontem, «ocupa já um lugar de destaque e de merecido prestígio no panorama das artes plásticas no nosso país».

O director do «Avante!» falava à entrada da exposição, onde se reuniu um numeroso grupo de artistas e onde também se encontravam destacados dirigentes do Partido.

«A exposição do ano presente», disse, «constitui também um dos acontecimentos mais importantes do programa cultural da 19ª edição da nossa Festa. Desejo, por isso, em nome da direcção do PCP, da direcção da Festa e do colectivo do «Avante!», apresentar os melhores agradecimentos aos artistas convidados, a todos os artistas participantes, ao júri e à comissão organizadora. Sem estes múltiplos recursos não teria sido possível abalçar-nos a uma iniciativa cultural desta envergadura.»

A democracia cultural

Carlos Brito referiu-se à iniciativa como «especialmente apropriada para um partido como o nosso, para quem a democratização da

cultura é uma orientação estratégica para o desenvolvimento de Portugal, como se diz no Programa Eleitoral do PCP, recentemente divulgado».

«Uma iniciativa inteiramente coerente da parte de um partido como o nosso, que atribui à cultura um papel fundamental no projecto de sociedade que propõe ao País, considerando a



democracia cultural indissociável das dimensões política, económica e social da democracia.

«Provavelmente, uma iniciativa só possível da parte de um partido como o nosso, que desde há muito tem como princípio o respeito pelo pluralismo das escolas e das opções estéticas.

«O número invulgar de trabalhos expostos é, na sua grande diversidade estética, um excelente testemunho de como se materializa na prática aquele princípio.

«É também invulgar esta coabitação de artistas de renome com numerosos outros que se afirmam pela qualidade do seu trabalho ou até que expõem pela primeira vez numa grande exposição.

«Tudo isto faz a riqueza e a singularidade que deram e dão nome à nossa Bienal.



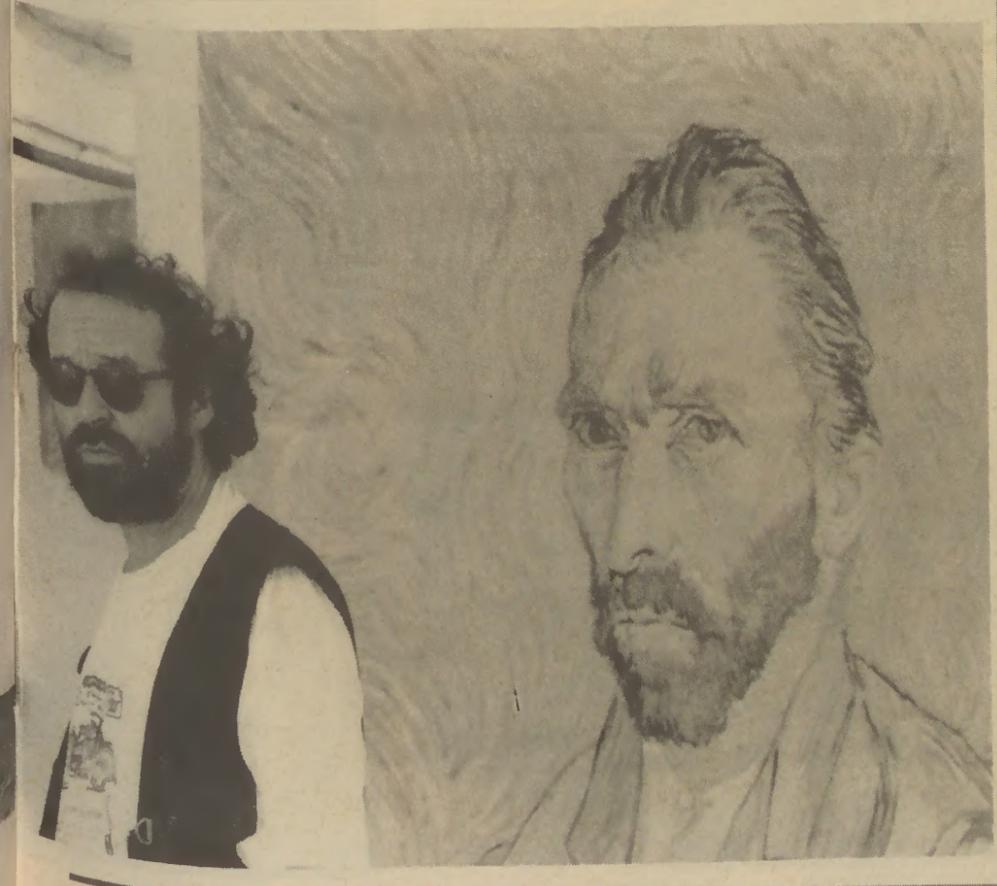
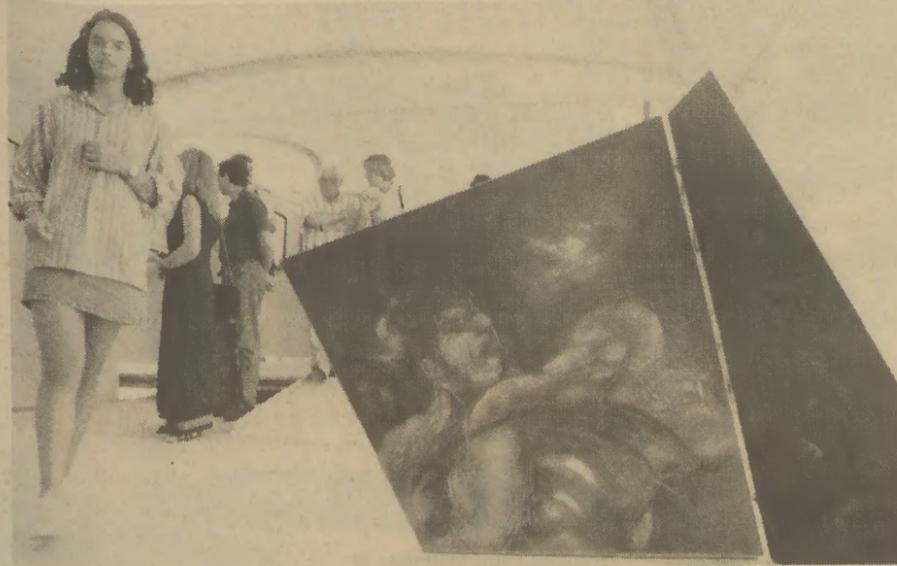
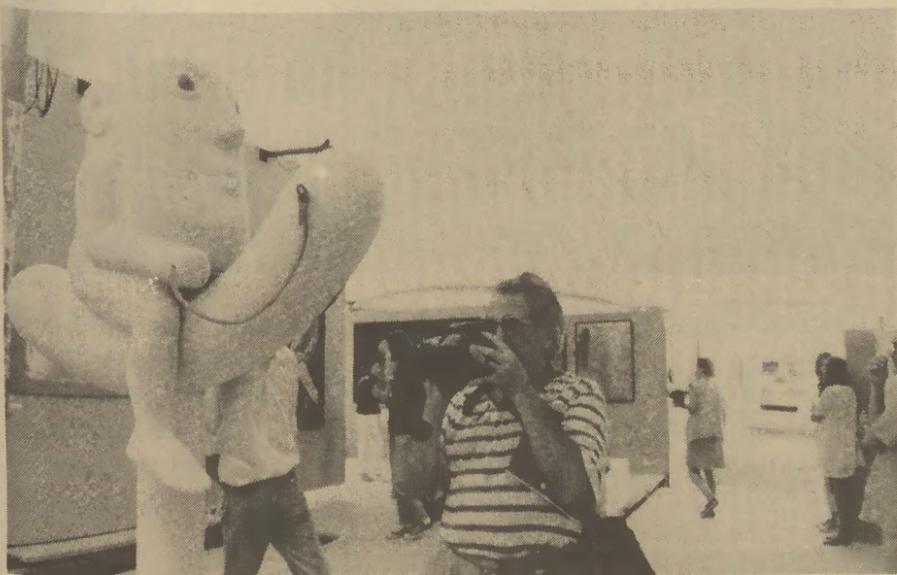
Plásticas

«Uma exposição é, no entanto, uma seleção determinada em grande medida por razões de espaço, que mesmo aqui se colocam», referiu ainda Carlos Brito, sublinhando «a ingrata tarefa» do júri para resolver «esta complexa ligação, que tem uma origem positiva na grande afluência de trabalhos e no mérito real com que se apresentaram».

«Falamos de espaço», lembrou. «Permitam-me que saliente a significativa melhoria do espaço da Bienal, como uma das inovações positivas desta IX edição. É um contributo que cumpre agradecer aos organizadores da Festa e que vai atenuar muitos problemas de bienais anteriores,

incluindo no domínio da segurança das obras expostas.»

Carlos Brito convidou por fim os presentes à visita.



Diferentes ou iguais...

(o que eles disseram nos últimos tempos)

«(Êxitos do Governo foram) as reformas que permitiram a Portugal entrar na modernidade e devolver ao exercício do poder uma certa dignidade introduzindo mais rigor, mais competência, menos palavreado e um certo empenho em cumprir as promessas.»
(Cavaco Silva - «El País», 30.04.95)

«Se o próximo Governo fizer metade das obras que eu fiz, já merece o apoio dos portugueses.»
(Cavaco Silva - «TVI», 31.05.95)

«Houve algum governo que tivesse feito mais e melhor por Portugal?»
(Fernando Nogueira - «Público», 21.08.95)

«Em Outubro, vão ser julgados o PSD e Fernando Nogueira e não Cavaco porque já não é concorrente a eleições, a estas eleições.»
(Fernando Nogueira - «Diário de Notícias», 11.06.95)

«Prometo dar seguimento, aprofundar e desenvolver a obra de Cavaco.»
(Fernando Nogueira - «Público», 20.07.95)

«Nas questões essenciais não há qualquer alteração estratégica em relação à anterior liderança.»
(Fernando Nogueira - «Expresso-Revista», 27.05.95)

«(...) não houve insensibilidade dos governos de Cavaco Silva ao desemprego. Pelo contrário. (...) Não posso dizer que a política agrícola seguida em Portugal foi má. Foi a política possível. (...) Uma das vantagens que os agricultores portugueses colheram da nossa integração na UE é justamente uma política de apoio à agricultura e às produções excessivas e de suporte de preços.»
(Fernando Nogueira - «Expresso-Revista», 27.05.95)

«A legislação laboral é excessivamente rígida. (...) Advogo a (sua) flexibilização e agilização a par de uma crescente desregulamentação da negociação colectiva.»
(Fernando Nogueira - «Público», 20.07.95)

«Dizer que vamos diminuir o desemprego é iludirmo-nos quanto ao futuro. (...) Daqui a 10/15 anos estará em 24 por cento.»
(João de Deus Pinheiro, PSD - «Expresso», 17.06.95)

«Precisamos de acreditar que podemos chegar ao fim do século entre os mais desenvolvidos da Europa.»
(Fernando Nogueira - «Público», 20.07.95)

«O que o PSD quer é um estado unitário forte, não um território fracturado e dividido em regiões que o povo não quer.»
(Fernando Nogueira - «Público», 19.06.95)

«Vou manter as propinas no Ensino Superior e não darei facilidades aos estudantes.»
(Fernando Nogueira - «Diário de Notícias», 10.06.95)

«A forma de auscultação sobre o Tratado de Maastricht é algo que

A política

Promessas

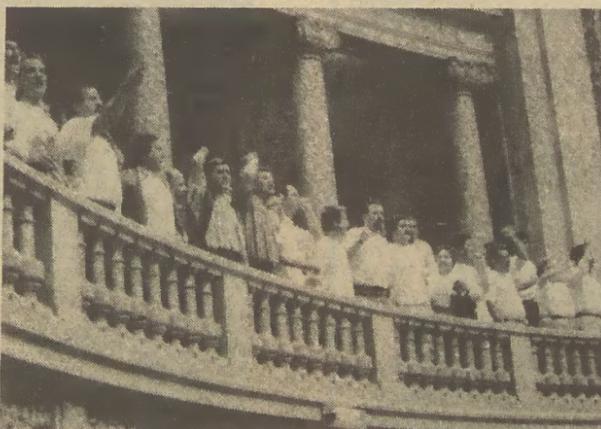
Talvez a memória deixe esbater, ao fim de quatro anos, muitas promessas feitas por Cavaco Silva e pelo PSD nas vésperas das últimas eleições, em 1991. Há sempre a possibilidade de recorrer a registos da altura, para verificar o que foi «um certo empenho» do poder *laranja*. Mas algumas dessas promessas têm sido insistentemente recordadas, sobretudo por aqueles que, ainda antes de elas serem promessas, as ergueram como reivindicações. É o caso do horário máximo legal de 40 horas semanais: Cavaco e o PSD prometeram, assinaram compromissos com os patrões, mas a lei ficou



inalterável. Confrontado com a falta à promessa, o primeiro-ministro escapou-se pela porta do cavalo (quando visitou em Junho a Escola da Marinha, em Vila Franca de

Xira), enquanto os deputados da maioria, duas semanas depois, mostraram que não é sua preocupação honrar a palavra dada em tempo de caça ao voto (perante o

protesto e a indignação de sindicalistas que, de todo o País, se deslocaram à AR). Pela luta, os trabalhadores conseguiram as 40 horas em muitos sectores e empresas.

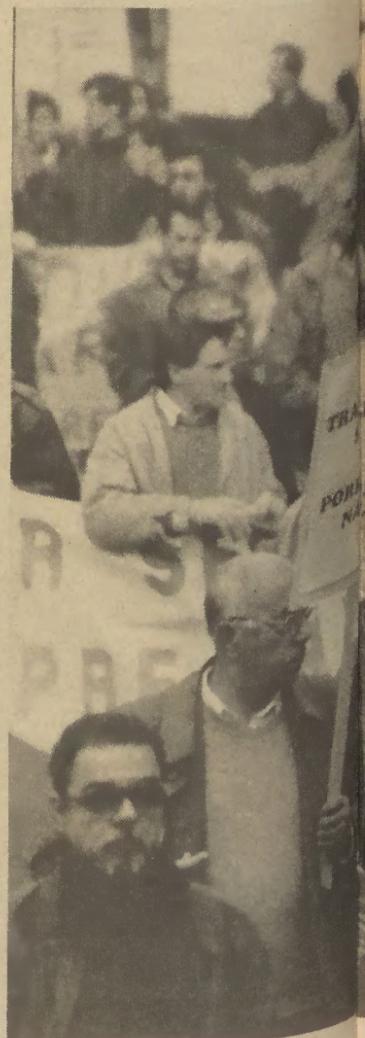


Protestos

— Seria muito difícil que a política seguida pelos governos do PSD não desse origem a protestos daqueles que mais se sentiram atingidos pelas suas consequências. Aos trabalhadores da administração pública e

das empresas do sector empresarial do Estado, o Governo e os seus administradores-comissários responderam com actos de gestão autoritários e imposição de perdas salariais. Aos utentes da Ponte 25 de Abril, aos trabalhadores da Manuel Pereira Roldão,

aos estudantes que contestaram as provas globais de acesso ao Ensino Superior e os aumentos das propinas, o Governo respondeu à bastonada. Mas nem assim as lutas esmoreceram. Cavaco e os seus ministros tiveram que ceder em pontos importantes.



de direita

Mentiras

Disseram que as minas do Pejão só fechariam depois de criadas alternativas de emprego na região; a indústria naval era entregue aos Mellos, como a metalomecânica à multinacional ABB, para evitar despedimentos e salvar os sectores; o investimento estrangeiro merecia ser acarinhado e subsidiado porque vinha dinamizar a nossa economia - tudo era mentira, como depois se veio a saber. Várias vezes anunciaram planos para criação de milhares de empregos - mas a verdade é que, quantos mais planos anunciavam, mais crescia o desemprego. E, recordando melhor as experiências anteriores, nem é preciso que passem 4 anos para apanhar estes mentirosos: basta que assente a poeira eufórica da campanha eleitoral.



não é prioritário. É pôr o carro à frente dos bois.»
(Fernando Nogueira - «Diário de Notícias», 11.06.95)

«Quanto à tese de que as políticas do PS e do PSD são idênticas, penso que é totalmente fantasiosa, nós demos provas durante todos estes anos, quer em política económica quer sobretudo em política social e em aspectos da pureza do nosso regime democrático, que há profundas diferenças entre as duas forças políticas (...).»
(António Guterres - «Diário de Notícias», 09.08.95)

«A situação difícil em que o país está (...) justifica a continuidade de políticas. E essa continuidade tem como condição necessária uma maioria estável.»
(António Guterres - «Diário Económico», 24.08.95)

«O que está em causa num Governo socialista é agir no quadro do sistema internacional que tem pela frente - e aí tem de agir e agirá com a máxima responsabilidade. (...) Há áreas em que governos socialista ou social-democrata serão, pelas circunstâncias, levados a ter de agir da mesma forma.»
(António Guterres - «Diário Económico», 24.08.95)

«É fundamental que haja mais polícias nas ruas - e isso passa pela existência de polícias municipais com a PSP e a GNR.»
(António Guterres - «Diário Económico», 24.08.95)

«O fundamental é que (as privatizações) sejam inseridas numa estratégia de fortalecimento do tecido empresarial nacional.»
(António Guterres - «Diário Económico», 24.08.95)

«Insisto na tónica do diálogo social. Há que substituir a mentalidade de negociar migalhas da rigidez pela da flexibilização.»
(António Guterres - «Diário de Notícias», 06.07.95)

«Se o PSD quiser, a reforma eleitoral faz-se em 15 dias.»
(António Guterres - «Semanário», 04.02.95)

«(...) um defeito da esquerda no passado - mas a esquerda está a mudar e muito - é separar o problema social do económico. A economia não se compadece com problemas sociais.»
(Henrique Neto, PS - «Independente», 03.02.95)

«(...) as privatizações têm sido feitas a um ritmo inaceitável (...) vejo com preocupação que a bola seja passada para o PS que tem de a encarar (...) é um caso patético que 10 anos passados o PS vá receber no sector industrial quase todas as empresas do sector industrial por privatizar.»
(Henrique Neto, PS - «Independente», 03.02.95)

«(...) mesmo nas conclusões dos Estados Gerais do PS se optou por uma via que tende para a liquidação do Serviço Nacional de Saúde.»
(Eurico Figueiredo, PS - «Expresso», 08.07.95)

«A preocupação de Cavaco Silva sobre os custos da regionalização é saudável. Revejo-me nela.»
(Daniel Bessa, PS - «O Independente», 09.09.94)

«PS não promete aumentar salários reais.»
(Daniel Bessa, PS - «Expresso», 08.07.95)

«No sector competitivo não podemos esperar grandes aumentos de empregos.»
(Daniel Bessa, PS - «Expresso», 08.07.95)

«Daniel Bessa é um homem extremamente competente, mas que tem um único defeito: diz sempre a verdade em todos os momentos. Ora, a política costuma ser a arte de, em primeiro lugar, não dizer a verdade.»
(António Guterres - «Público», 18.06.95)

«Prefiro um Governo PS viabilizado pelo PP e não pelo PC.»
(Narciso Miranda, PS - «Público», 22.08.95)

«Uma das características importantes na nova maneira de fazer política em Portugal é que essa divisão entre a esquerda e a direita, considerada como uma divisão ideológica, está esgotada.»
(António Vitorino, PS - «Diário de Notícias», 07.03.95)

«(o discurso do PS) é mais moderno e liberal em economia do que aquilo que estávamos à espera do dr. Fernando Nogueira.»
(Ferraz da Costa, dirigente da CIP - «Diário de Notícias», 24.07.95)

«Devemos considerar a hipótese de o PP entender-se com o PS para evitar uma maioria de esquerda no Parlamento.»
(Cavaleiro Brandão, CDS/PP - «Diário de Notícias», 21.08.95)

«A política económica deve assentar em 4 pilares fundamentais: deve fazer-se o livro branco das finanças públicas (...) acelerar a política de privatizações de forma decisiva, correcção dos critérios e dos planos de convergência e instituir no país uma política de rigor orçamental e de rigor no controlo da despesa pública. (...) Não é necessário gastar mais dinheiro na saúde e na educação (...) Não defendemos que qualquer reforma de políticas sociais passe por um acréscimo de despesismo (...)»
(Luís Nobre Guedes, CDS/PP - «Semanário», 26.08.95)

«Eu sou o único jornalista a quem se nega o direito a ter opiniões políticas, porque sou de direita e amigo de Manuel Monteiro.»
(Paulo Portas, candidato a deputado do CDS/PP - «Visão», 09.02.95)

«Eu compreendo o desespero de uma população inteira que esteve refém dos traficantes de droga, pediu ajuda ao Estado e não a obteve, chamou a polícia e não a viu, sendo por isso obrigada a proteger-se.»
(Paulo Portas - «Público», 23.08.95)

«A onda de incêndios de origem terrorista poderá resultar de interesses estrangeiros organizados (...). Exijo o patrulhamento das fronteiras pelo exército.»
(Manuel Monteiro - «Público», 17.08.95)

«(Proponho) um governo pequeno e poupado (...). O Ministério da Economia juntará todos os ministérios que regulam a actividade económica privada. (...)»
(Manuel Monteiro, citado em «Público», 17.07.95)

«Não tenho qualquer complexo em lutar pelo regresso ao passado, desde que se trate de aspectos que se revelaram positivos.»
(Manuel Monteiro - «Diário de Notícias», 30.06.95)

A política de direita



Diferenças

Mais do que em incendiadas altercações pré-eleitorais a propósito de questões acessórias (talvez para assim procurar disfarçar descaradas consonâncias em muitos dos temas fundamentais), a real vontade de mudar de política vê-se nas propostas e posições concretas sobre questões como a evolução dos salários, o respeito pelos direitos dos trabalhadores e de todos os cidadãos, a garantia das funções sociais do Estado, a delapidação do património público a favor dos monopólios privados, a aceitação submissa das indicações de Bruxelas... O PCP e a CDU falam claro e já deram provas de que na sua palavra se pode confiar. Quanto aos restantes, observe bem e notará as diferenças.



Programa Eleitoral do PCP

Mudar para melhor

O Programa Eleitoral do PCP, apresentado publicamente por Carlos Carvalhas, como noticiámos no “Avante!” de anteontem, é um extenso documento que contempla centenas de propostas de medidas para uma nova política, abrangendo seis dezenas de áreas e temas. Primeiro partido a apresentar o seu Programa Eleitoral, o PCP visa, para além de adiantar as medidas concretas que entende necessárias, contribuir para centrar o debate no essencial, como também Carvalhas sublinhou.

Cinco grandes objectivos englobam as propostas do PCP. “Grandes objectivos que”, como também o secretário-geral afirmou, “definem um pensamento político e as grandes orientações estratégicas que propomos ao povo português”. São os seguintes, esses cinco grandes objectivos:

Desenvolver a economia, travar os processos destrutivos e promover o emprego; melhorar as condições sociais e o ambiente, como objectivos e factores de desenvolvimento; promover a educação, a ciência e a cultura; assegurar a liberdade, concretizar uma reforma democrática do Estado, aprofundar a democracia; lutar por um Portugal de progresso e de justiça, aberto ao mundo, e por um novo rumo na integração europeia.

O Papel Decisivo de Uma Política Nacional e de Esquerda

Face à situação extremamente desfavorável a que a política de direita conduziu o país, quer no plano interno quer no plano externo, é necessário e urgente afirmar o papel essencial e decisivo que uma nova política, uma política nacional e de esquerda, é chamada a desempenhar. E as potencialidades e possibilidades que existem para a sua concretização, tendo como base a participação activa dos trabalhadores.

Essa afirmação começa pela importância de um posicionamento político que, no quadro objectivo de crescentes interdependências, procura enfrentar os constrangimentos desfavoráveis e alargar as margens de manobra do país. Significa, depois, o empenhamento num processo de desenvolvimento que defenda os interesses dos trabalhadores e de outras camadas laboriosas, objectivo em si e condição para o indispensável dinamismo e mobilização social e política da sociedade portuguesa.

Portugal pode alargar o seu espaço de manobra no quadro comunitário por uma posição de firmeza e permanente negociação, de atempada e conveniente definição das estratégias adequadas aos interesses nacionais e não pela conhecida e subserviente posição de aluno bem comportado, com total abdição da invocação dos interesses do país, inclusive do interesse vital. Por uma visão de longo prazo na abordagem dos problemas nacionais e não por uma posição de vendilhão que troca tudo por umas remessas imediatas de ecus.

Alarga o espaço de manobra e a credibilidade das posições nacionais uma clara assunção dos problemas do país, dos seus atrasos e défices, e não um posicionamento falso e demagógi-

co, de ocultação das consequências negativas que os oito anos de integração provocaram, e que nem a manipulação estatística disfarça.

Alarga o espaço de manobra o constante diálogo e mobilização da população portuguesa, dos trabalhadores e de outras camadas laboriosas, das suas organizações representativas em torno de todas as principais questões, esclarecendo-as sobre os problemas e alternativas em jogo, potenciando sem preconceitos a sua participação e lutas em defesa dos interesses nacionais, e não pela ocultação dos problemas, marginalização de organizações ou simples jogadas de marketing político.

Alarga o espaço pelo franco diálogo com todas as forças políticas e o envolvimento dos órgãos de soberania e instituições, por forma a fazer convergir intervenções diversas em defesa dos interesses dos portugueses e não pelo completo afastamento das forças políticas da oposição, e mesmo de órgãos de soberania, como a Assembleia da República, do conhecimento e tratamento dos assuntos.

A sociedade portuguesa dispõe de condições e potencialidades. O país tem recursos naturais e humanos que lhe permitem acreditar num futuro diferente e melhor. Uma experiência humana e histórica de séculos, o que lhe dá uma coesão nacional ímpar na Europa. Uma cultura própria e uma reconhecida adaptabilidade do povo português às alterações de condições. Uma juventude disponível e numerosa. Uma mão-de-obra com uma qualificação de saber feito no trabalho, pesem embora as insuficiências do nível escolar da população portuguesa

e da formação profissional e as deficiências, selectividade e discriminação que continuam a caracterizar um sistema escolar injusto. Milhares de trabalhadores com a dura experiência da emigração, mas também com a capacidade de trabalho, saber adquirido e inteligência que podem garantir uma mais valiosa participação na economia nacional. Potencialidades naturais que uma sustentada e equilibrada exploração, permitirá contribuir para o crescimento da produção nacional e a alteração para um perfil produtivo mais valorizado. Uma localização geográfica que aliada aos laços que a história construiu pode potenciar, com vantagens mútuas, processos de cooperação e intercâmbio.

É possível a materialização de outro projecto, de um projecto de esquerda para a sociedade portuguesa, que assegure a mobilização social e política dos portugueses e que neste limiar do século XXI aprofunde a democracia em todas as suas dimensões - política, económica, social e cultural. É possível uma sociedade mobilizada e confiante com valores e referências civilizacionais e não com o vazio cultural e estilhaçar social que a política de direita produz. Uma sociedade em que os cidadãos não sintam o medo do desemprego nem a incomodidade cívica pela crescente insegurança e exclusão social, mas as potencialidades do crescimento económico, com trabalho para todos e coesão social. Onde o livre desenvolvimento individual se concilie com elevados níveis de satisfação e solidariedade colectivas.

(do Programa Eleitoral)

Centenas de propostas sectoriais e específicas, englobadas num total de 60 temas, são desenvolvidamente apresentadas no Programa Eleitoral do PCP, que pode ser adquirido na Festa. Desse vastíssimo conjunto, escolhemos algumas. O que aqui publicamos resumidamente, dá, no entanto, bem a ideia da política que o PCP pretende para o país, da mudança que é possível e necessária.

Emprego

Para o PCP, o combate eficaz ao desemprego exige um conjunto de medidas coordenadas e integradas no plano económico e social.

No Plano Social, o PCP defende, entre outras:

- melhoria dos salários reais e dos rendimentos da população com vista a aumentar a procura interna, como vector do desenvolvimento;
- a implementação de novas formas de financiamento da segurança social;
- a melhoria das políticas activas de emprego no sentido de lhes conferir maior eficácia;
- o combate à tendência para a saída precoce do mercado de emprego por razões não ligadas às necessidades dos trabalhadores;
- o reforço dos direitos de intervenção dos trabalhadores e das Comissões de Trabalhadores na aprovação e acompanhamento de processos de reestruturação das empresas e no controlo da aplicação de capitais públicos.

Fiscalidade

Para que o sistema fiscal seja mais justo, actue como elemento de redução das desigualdades e gira as receitas necessárias e suficientes para que o Estado possa cumprir integralmente as suas funções sociais, o PCP propõe:

- Melhoria da eficiência da Administração Fiscal no combate à fraude e evasão fiscais;
- reforço das garantias de defesa dos contribuintes e clareza da legislação fiscal;
- globalização de todos os rendimentos familiares, qualquer que seja a sua natureza, para efeitos de IRS, com a consequente eliminação da generalidade das «taxas liberatórias» que beneficiam os rendimentos de capital e especulativos e os rendimentos mais elevados;
- fixação da dedução específica aos rendimentos do trabalho, para efeitos do IRS, em 65% do salário mínimo nacional anual para a indústria e serviços;

- aumento do número de escalões do IRS e redução da taxa do escalão mais baixo;

- alteração das listas do IVA e reanálise de impostos específicos sobre o consumo, de forma a impedir que, por razões meramente fiscais, produções nacionais (lactínios, por exemplo) percam competitividade face a produtos estrangeiros, nomeadamente de origem espanhola;

- eliminação, progressiva mas rápida, do Imposto de Selo, e substituição do imposto da Sisa por um imposto sobre o património e a riqueza (que parcialmente deverá reverter a favor das Autarquias Locais);

- criação de uma taxa, não superior a 1%, sobre as operações de Bolsa, sobre os movimentos especulativos nos mercados monetário e cambial e sobre as exportações de capitais.

Agricultura

O PCP considera como objectivos essenciais da política agrícola a melhoria dos rendimentos dos agricultores, a garantia de emprego e salários dignos dos trabalhadores agrícolas, o desenvolvimento da produção agrícola e florestal e a obtenção de níveis adequados de segurança alimentar do País, a preservação do mundo rural e o desenvolvimento regional equilibrado.

Três grandes componentes da política agrícola devem merecer uma atenção especial, visando a defesa da produção agrícola nacional, o combate à desertificação do mundo rural e o futuro da agricultura portuguesa:

- rever as regras da PAC e renegociar os acordos do GATT;
- realizar uma nova reforma agrária nos campos do Sul;
- concretizar uma política de renovação e sustentação do tecido agrícola nacional.

Pescas

Uma política de pescas conduzida para a defesa e valorização deste importante segmento da economia nacional tem de assentar:

- na renegociação das principais linhas em que assenta a Política Comum de Pescas, de forma a que em defesa das características e especificidades das pescas nacionais, se promova o apoio à renovação da frota e se fomente a actividade produtiva;
- na defesa da ocupação das 12 milhas (mar territorial) e da plataforma continental contígua exclusivamente pela frota portuguesa;
- na substituição da política de abates, por uma política de renovação da frota, e obtenção de compensações financeiras para os tripulantes que percam o seu posto de trabalho devido aos abates e restrições de pesca;
- na defesa da pesca artesanal como elemento estratégico da nossa política de pescas nacional;
- na construção de novas estruturas portuárias, designadamente pequenos portos de abrigo e no desassoreamento de portos e barras;
- numa atitude mais firme na defesa de posições de pesca em águas exteriores à Comunidade de forma a garantir a viabilidade da frota longínqua (designadamente na Costa de África e na zona da NAFO).

Indústria Transformadora

Para a concretização deste objectivo estratégico, o PCP propõe as seguintes linhas orientadoras para o desenvolvimento e modernização da indústria transformadora:

ALGUMAS MEDIDAS DO PROGRAMA ELEITORAL DO PCP

- manutenção, reforço e reorganização de um sector público produtivo com capacidade para manter em mãos nacionais as principais alavancas estratégicas do desenvolvimento nacional na área da indústria;
- modernização dos sectores produtivos tradicionais, com vista ao incremento da sua competitividade interna e externa;
- dinamização da actividade industrial em sectores complementares de fileiras em que Portugal apresente já vantagens no comércio internacional;
- dinamização da actividade industrial em sectores com maior capacidade de produção de valor acrescentado;
- valorização da produção das empresas actuando em Portugal, nomeadamente das empresas dos sectores tradicionais de especialização nacional.

Indústria Extractiva

Medidas imediatas e de curto prazo:

Defesa firme da utilização preferencial, pelas economias comunitárias, dos produtos mineiros portugueses afectados pela crise, face a países terceiros;

Criação de incentivos financeiros que estimulem a exploração de recursos geológicos em regiões em processo de desertificação;

Criação de incentivos financeiros à criação de estâncias termais (aproveitamento de recursos hidrominerais) nos distritos de Bragança, Portalegre, Évora, Beja e Faro;

Definição de regras claras para exploração dos recursos com o mínimo de impactos ambientais e efectiva recuperação paisagística no fim das explorações;

Reestruturação do Instituto Geológico e

Mineiro de forma a adequá-lo a um bom desempenho das competências que lhe estão atribuídas.

O fracasso da política de direita em aspectos centrais da vida nacional, não é o resultado de quaisquer dificuldades ou ciclos económicos de carácter conjuntural, como pretende o PSD, nem pode ser fundamentalmente imputado, como faz o PS, à incapacidade individual dos governantes.

Carvalhas na apresentação do Programa

Segurança Social

O PCP assume a justiça social como objectivo e, simultaneamente, como condição de desenvolvimento.

Como orientações fundamentais, com essa perspectiva e objectivo o PCP defende:

- garantir os direitos adquiridos a todos e individualmente a cada um dos beneficiários do sistema de segurança social, de forma a reforçar a confiança e a impedir a imposição de regimes mais desfavoráveis;
- melhorar as prestações sociais e proceder à elevação significativa e continuada dos seus valores, em especial das prestações que se encontram num nível mais degradado;
- reforçar o financiamento da segurança social, por forma a garantir no presente e para o futuro os compromissos assumidos pelo sistema e pelo Estado e a permitir uma resposta eficaz aos riscos sociais.

Reformados

O PCP, pugnano por uma política social que responda aos anseios fundamentais destas camadas, nomeadamente para que a entrada em vigor da Carta dos Direitos das Pessoas Idosas, propõe:

- A garantia de um rendimento mínimo de subsistência que permita viver com dignidade e bem-estar;
- O aumento anual das pensões e reformas, suplementos e complementos de forma a compensar o valor da inflação e a garantir o incremento do seu valor real;
- As pensões mínimas não poderão ser inferiores a 60% do salário mínimo nacional (31.200\$00 em 1995);
- A revisão de todas as aposentações degradadas;
- A atribuição das pensões por invalidez causada por acidentes de trabalho ou doença profissional - calculadas com base na totalidade do vencimento que o trabalhador recebia na altura do acidente;
- A aplicação e pagamento do 14º mês a todos os reformados e pensionistas;
- A gratuidade de medicamentos no caso de doenças crónicas ou prolongadas;
- A abolição das chamadas taxas moderadoras das pessoas idosas quando se confirme a impossibilidade do pagamento das rendas.

Juventude

O PCP propõe:

- 1º - Para um emprego estável e com direitos, pelo direito à formação e realização profissional;
- Uma política que garanta a todos os jovens o direito a um emprego digno e estável;
- Fim da utilização abusiva de contratos a prazo e de outras formas como os recibos verdes;
- A efectiva aplicação do subsídio de desemprego aos jovens e reformulação do subsídio de inserção na vida activa (aumentando o seu valor e âmbito de aplicação);
- O fim da discriminação salarial dos jovens;
- Garantia dos direitos sindicais e das regalias sociais aos jovens trabalhadores;
- A efectiva fiscalização do trabalho infantil e exemplar punição das entidades empregadoras de crianças; fixação dos 16 anos como idade mínima para a prestação de trabalho; 35 horas como horário máximo de trabalho e proibição de trabalhar entre a 20 h e as 6 h para os trabalhadores entre os 16 e 18 anos;

Toxicodependência

Detentor de um vasto património de reflexão e de propostas apresentadas nesta área, consciente da necessidade do aprofundamento da investigação e discussão destes problemas, o PCP propõe 10 pontos para uma nova política na inadiável acção de prevenção da toxicodependência e de combate ao tráfico de drogas:

- Uma política geral que contribua para eliminar as causas das vulnerabilidades que conduzem à toxicodependência. Uma política que estimule a participação juvenil e apoie os jovens na concretização do seu direito ao emprego estável, à realização profissional, ao acesso e sucesso escolar, à habitação, à saúde, à cultura, ao desporto, à ocupação dos tempos livres. Uma política de afirmação dos valores da amizade e da solidariedade.

- Um verdadeiro plano nacional de prevenção da toxicodependência e combate ao tráfico.
- A aprovação de uma «lei quadro da prevenção primária da toxicodependência», que clarifique as responsabilidades do Estado.
- A criação urgente duma rede nacional pública para o atendimento, o tratamento e a reinserção social.
- O estabelecimento da cobertura nacional suficiente de apartamentos terapêuticos (casa de saída) e a promoção de um vasto programa de reinserção social.
- A necessidade, no âmbito da elaboração e interpretação do quadro legal, de ter presente que o toxicodependente é um doente: não sujeitar os simples consumidores a penas de prisão; encaminhar os toxicodependentes não envolvidos no tráfico de drogas para soluções de tratamento e reinserção social; disponibilizar os meios para que em todos os estabelecimentos prisionais e de forma suficiente, os toxicodependentes tenham possibilidades reais de tratamento e reinserção social.
- A necessidade dum mais eficaz combate ao tráfico de drogas e ao branqueamento de capitais.

Mulheres

Assumindo o desafio de combate ao défice de participação das mulheres, o PCP propõe, designadamente:

- Divulgar os direitos das mulheres e dinamizar e apoiar as lutas das mulheres em defesa dos seus direitos;
- Lutar pela reposição de direitos que lhes foram retirados, designadamente a idade da reforma aos 62 anos; a dispensa do trabalho nocturno na indústria; a proibição do trabalho nocturno às mulheres grávidas, entre as 20.00 e as 7.00 horas;
- Aperfeiçoar o quadro legislativo dos direitos das mulheres e da instituição de mecanismos de garantia e fiscalização do seu cumprimento, de forma a garantir a igualdade homem/mulher;
- Penalizar todas as práticas discriminatórias em função do sexo, particularmente as que advêm do exercício de direitos consignados na lei da maternidade/paternidade;
- Combater o desemprego e promover uma política de emprego e formação profissional que garanta a estabilidade de emprego e a igualdade na progressão de carreiras profissionais;
- Garantir a igualdade de acesso e de tratamento no trabalho e no emprego e o respeito absoluto pelo princípio de salário igual para trabalho igual;
- Promoção de acções que garantam às mulheres desempregadas a reinserção no mercado de trabalho de forma estável e qualificada;
- Defender a revalorização dos postos de trabalho e tarefas que ocupam a mão-de-obra feminina.

Água

O PCP propõe, como medidas concretas:

- A defesa intransigente dos interesses nacionais na negociação com a Espanha, procurando um acordo que permita a utilização otimizada pelos dois países dos recursos hídricos das bacias luso-espanholas;
- A publicação de uma Lei da Água, que dê tradução legislativa a uma política de recursos hídricos definida com ampla participação;
- A adopção de uma estrutura de gestão de recursos hídricos regionalizada por grandes bacias hidrográficas, que preveja a criação de Agências de Bacia (em cujos órgãos de gestão participem representantes da Administração Central, dos Municípios e dos utilizadores) e efectivamente participada (nomeadamente com a desgovernamentalização, com o aumento da participação dos Municípios, dos agentes económicos e das organizações não governamentais e com o reforço das competências dos Conselhos de Bacia).

Cultura

O PCP propõe três linhas de orientação essenciais:

- 1ª - Uma Política de Cultura que:
 - salvegarde o património cultural e promova a sua efectiva apropriação sociocultural; que potencie a identidade cultural de Portugal no quadro de um activo diálogo das culturas e da promoção da multiculturalidade na Europa e no mundo;
 - apoie a criação e os criadores contemporâneos, favoreça a liberdade de criação, a pluralidade e o confronto das correntes e experimentações disciplinares e estéticas;
 - reconheça efectivamente o direito dos criadores e agentes culturais à participação na definição das políticas e defesa da sua função social, garantindo-lhes condições de trabalho e de vida dignas e obrigue a que as unidades de serviço público sejam dirigidas por profissionais do sector;
 - fomentem o desenvolvimento cultural das populações, estenda a todas as regiões a possibilidade de fruição dos bens culturais, e promova a articulação flexível e não burocrática entre o poder central, o poder local, e as estruturas de criação e produção cultural, fundações, associações, escolas e empresas;
 - reformule os actuais programas de recuperação de recintos para actividades culturais de acordo com perfis e prioridades aferidos em função do interesse patrimonial do existente, dos contextos regionais, das carências detectáveis;
 - reconheça e potencie os efeitos culturais da educação e do ensino, da ciência e da comunicação social.

Consiste a nossa posição, no quadro objectivo de crescentes interdependências, em procurar enfrentar os constrangimentos desfavoráveis e alargar ao máximo as margens de manobra do país. E em assumir um processo de desenvolvimento a partir da defesa dos interesses dos trabalhadores e de outras camadas laboriosas, como objectivo em si, mas também como condição para o indispensável dinamismo e mobilização social e política da sociedade portuguesa.

Carvalhas na apresentação do Programa

Desporto

O PCP propõe como orientações estratégicas para uma política desportiva:

- A garantia de que o desporto continua um direito real e a democratização crescente das actividades desportivas com o alargamento do número de praticantes, com actividades ricas de conteúdo cultural e correctamente concebidas do ponto de vista técnico e com a participação activa dos praticantes na concepção, organização, gestão e avaliação das actividades;
- A garantia da prática da educação física e do desporto em todas as escolas portuguesas, em todos os níveis de escolaridade;
- O apoio ao associativismo e o reconhecimento do papel fundamental clube na resposta às necessidades da prática desportiva;
- O apoio a uma efectiva descentralização, clarificando-se responsabilidades e formas de cooperação e acções coordenadas dos poderes central, regional e local;
- A atribuição dos meios financeiros capazes de garantir a implementação de uma política de efectivo desenvolvimento do desporto.

Segurança dos Cidadãos

O PCP defende e propõe:

- O combate ao crime, sobretudo o combate às suas causas, às desigualdades e injustiças sociais, o que passa pelo êxito na luta por uma nova política de desenvolvimento económico, social e cultural harmonioso e integrado;
- Uma nova política capaz de elevar os níveis de segurança e tranquilidade pública e que, através de medidas eficazes de combate ao crime, diminua significativamente os índices de delinquência e criminalidade;
- Uma política de segurança que garanta e defenda a legalidade democrática e os direitos dos cidadãos, prevenindo e reprimindo o crime, proibição de actuações ilegais do SIS (e outros serviços de informação) e das acções repressivas sobre os legítimos protestos populares;
- Uma política de segurança com uma forte componente preventiva, que aproxime a polícia dos cidadãos e renove a confiança das populações nas forças de segurança;
- Uma política de segurança que dote as forças policiais com meios humanos e materiais suficientes e adequados (mais e melhor patrulhamento, modernização dos meios) e que realize uma correcta e eficaz gestão desses meios;
- Uma política de segurança que altere radicalmente o caminho seguido na actual reestruturação do dispositivo das forças de segurança, designadamente não encerrando esquadras e postos da PSP e GNR, rejeitando a concentração de efectivos e as superesquadras, dando prioridade à PSP nas zonas urbanas, restringindo ao mínimo os efectivos dos corpos especiais de reserva nos grandes centros, em benefício do patrulhamento urbano;
- Uma política de segurança que promova e incentive a criação dos Conselhos Municipais de Segurança dos Cidadãos como estrutura mais adequada à participação organizada das comunidades locais na prevenção e combate à criminalidade;
- Uma política de segurança que promova a melhoria das condições de vida e de trabalho dos profissionais das forças e serviços de segurança, que respeite os seus direitos de cidadania, designadamente o direito de associação socioprofissional e sindical.

Regionalização

O PCP propõe:

- a concretização do processo de instituição concreta das regiões administrativas;
- a desconcentração de serviços públicos com área, em geral, coincidente com a das regiões administrativas;
- a implantação regional de adequadas redes de infra-estruturas de transportes, de energia eléctrica e de telecomunicações, que possibilitem a fixação de empresas em condições de competitividade inter-regional;
- a criação de condições para a inserção das empresas regionais nos sistemas de investigação e desenvolvimento tecnológico;
- a construção de sistemas de instalações e equipamentos de ensino e formação profissional, que permitam a criação e disponibilidade de força de trabalho qualificada;
- a criação de redes adequadas de instalações de cultura e recreio, de desporto e de cuidados de saúde, que contribuam para a fixação das populações.

A Revisão do Tratado de União Europeia

O PCP define assim, em coerência com a sua oposição global ao Tratado de Maastricht, como principais orientações para o processo de revisão:

- a reconsideração da UEM e das políticas comuns e orientações económicas que lhe estão associadas e a ruptura com as orientações monetaristas e neoliberais, com o consequente abandono das actuais metas e prazos da convergência nominal e a rejeição de uma moeda única;
- a defesa de uma Comunidade de Estados soberanos e iguais em direitos, como base negociável do processo de integração, com o consequente combate à acentuação de orientações federalistas e de supranacionalidade ao nível das questões institucionais e de outras vertentes da União Europeia.

Com os olhos postos no Programa Eleitoral do PCP e com a plena noção do que de positivo resultaria para o povo português da concretização de muitas das orientações que aí sustentamos, certamente compreenderéis porque valorizamos o crescimento da votação e da representação parlamentar do PCP e da CDU. E porque afirmamos que quanto mais indispensável se tornar a sua contribuição para a formação de uma maioria democrática na Assembleia, tanto maior será a capacidade do PCP e da CDU para influenciar num sentido positivo quer a política, quer a composição do futuro governo.

Carvalhas na apresentação do Programa



Sobre o Programa Eleitoral do PCP

O sector agrícola

O PCP considera como **objectivos essenciais** das políticas para o sector agrícola a melhoria dos rendimentos dos agricultores, a garantia de emprego e salários dignos para os trabalhadores rurais, o desenvolvimento da produção agro-pecuária e florestal e a obtenção de níveis adequados de segurança alimentar, a preservação do mundo rural e o desenvolvimento regional equilibrado.

A prossecução destes objectivos tem como **concepção** subjacente: a defesa de políticas integradas da função de produção agro-pecuária e florestal e das outras valências da actividade agrícola (mundo rural, preservação do ambiente, estruturação espacial do território, outras); o direito dos agricultores a produzir e a inserção das políticas de rendimentos nas políticas de apoio às actividades produtivas; o aproveitamento dos recursos naturais num quadro de defesa e preservação dos equilíbrios ecológicos.



Agostinho Lopes

A **política agrícola** tem como componentes essenciais: a **revisão das regras da PAC**, tendo em vista assegurar o princípio da coesão económica e social e, desde logo, o apoio e fomento das produções específicas da Europa, assim como o reconhecimento das especificidades das diversas agriculturas comunitárias, e a **renegociação dos acordos do GATT**, defendendo a consideração e inclusão de cláusulas sociais, ambientais, monetárias e agrícolas, visando garantir a segurança alimentar do planeta e de cada país; **uma nova reforma agrária nos campos do Sul**, inserida na realidade actual do país e da região, que dê cumprimento ao preceito constitucional de liquidação do latifúndio, criando condições para a diversificação do tecido produtivo, integrando unidades colectivas de trabalhadores, explorações familiares e unidades empresariais, que permita o crescimento de uma produção que sirva de base ao desenvolvimento de um sector agro-industrial, tendo repercussões noutras actividades económicas e contribuindo para a fixação das populações; **uma política de renovação e sustentação do tecido agrícola nacional**, tendo como base a defesa de uma rede densa de explorações familiares e a sua modernização, o apoio e fomento do cooperativismo agrícola, tendo em conta a sua função económica e a sua dimensão social, e a renovação do tecido produtivo, com particular relevo para o apoio e a instalação de jovens agricultores. Ainda no âmbito da política agrícola, e face ao descalabro a que a política de direita conduziu o sector, são definidas medidas de emergência.

A **política florestal, os baldios e a caça** têm como eixos nucleares a defesa do ordenamento da floresta, a valorização do património florestal e, em particular, das espécies mediterrânicas, com relevo para o montado, o com-

bate aos fogos florestais e o fomento de uma política florestal que harmonize a multiplicidade das suas funções - económica, paisagística, recreativa e ecológica; a defesa dos **baldios** enquanto estruturas ancestrais de profundas raízes nacionais e factor fundamental para o desenvolvimento da economia agrícola de montanha e a fixação das populações serranas; o reconhecimento da **caça** como actividade complementar da produção agrícola e factor de equilíbrio dos recursos cinegéticos, bem como actividade tradicional de cariz lúdico e popular, exigindo uma nova legislação que, entre outros objectivos, garanta o equilíbrio das zonas de caça de regime especial e do regime geral.

A **defesa de uma política para o mundo rural** que assente no fomento e desenvolvimento económico e social, em particular da agricultura, na conservação e modernização das infra-estruturas de transportes e comunicações, na preservação e criação de novas estruturas de ensino e saúde, bem como de outros serviços públicos indispensáveis à fixação e vida das populações.

Justiça social e desenvolvimento

O PCP, tendo como horizonte temporal a próxima legislatura, apresentou ao País e propõe ao povo português um Programa Eleitoral em torno de cinco grandes objectivos para uma nova política, para uma política de esquerda para Portugal. Essas grandes orientações estratégicas são por sua vez estruturantes de um vasto conjunto de orientações sectoriais e específicas que cobrem todas as grandes questões da sociedade portuguesa - desde a área económica, às componentes social, imaterial e política do desenvolvimento.

A melhoria das condições de vida dos cidadãos e a satisfação das suas necessidades constituem naturalmente o objectivo essencial de uma política de desenvolvimento. Mas o que interessa sublinhar de um modo muito particular, na análise e propostas do PCP, é que a melhoria das condições sociais seja assumida não apenas como objectivo, mas também e simultaneamente como factor decisivo de desenvolvimento.

Na realidade, a concretização dos direitos sociais (designadamente através das funções redistributivas que lhe estão associadas) implica absorção de recursos. Mas para além dos benefícios individuais e sociais que proporciona, ela é também geradora de

Emprego com direitos

No Programa do nosso partido, as questões do emprego e dos direitos individuais e colectivos dos trabalhadores constituem ponto de referência fundamental e condição inseparável do progresso, da justiça social e do desenvolvimento.

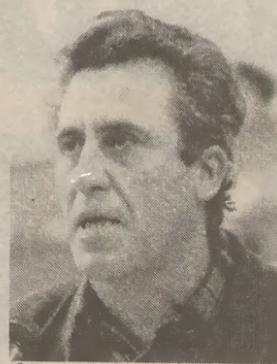
O PCP não se limita a uma posição reivindicativa e de defesa dos direitos dos trabalhadores. Considera que a sua existência e alargamento constituirão factor decisivo para a mobilização e empenhamento dos próprios trabalhadores no desenvolvimento económico e do seu envolvimento activo e participativo na sociedade.

Recusando a contraposição da lógica de funcionamento económico ao desenvolvimento social o PCP propõe e coloca como prioridades o crescimento económico acelerado e sustentado, o aumento do emprego e a redução do desemprego e uma repartição mais justa da riqueza produzida.

Uma condição básica para a concretização destas prioridades é a travagem dos processos destrutivos e das privatizações transformadas em processos de autêntico saque do património público empresarial. Sem ir às causas dificilmente se tratarão dos seus devastadores efeitos sociais.

No plano do emprego e desemprego a vida provou

que a solução não passa nem pelos baixos salários, nem pela destruição do edifício jurídico-laboral que protege e reconhece os direitos dos trabalhadores. Eram os alibis



Jerónimo de Sousa

do Governo do PSD para aprovar os seus pacotes laborais e impor os garrotes salariais. O número de desempregados, a precarização, o aumento da sinistralidade do trabalho, constituem não só prova do fracasso da política de direita como a exigência de uma nova política económica e social.

Investir no sector produtivo, defender a competitividade das empresas através dos vectores da formação e qualificação, da qualidade dos produtos, na criação de infra-estruturas materiais e sociais básicas, na inovação e na investigação, praticar uma política de baixa taxa de juros, dar combate à deslocalização das empresas, é o caminho proposto pelo PCP para que haja mais emprego.

A redução (e não a «flexibilização» como propõe o PS) dos horários semanais de trabalho, deve acompanhar o aumento da produtividade e a evolução científica e técnica. O crescimento real dos salá-

rios (e não a recuada proposta do PS de aproximação dos salários aos ganhos de produtividade) para além do seu alcance social potenciaria o aumento da procura interna.

O PCP propõe a aposta no sistema educativo e numa formação de base onde se adquira competência para o exercício profissional, formando os jovens e tendo a preocupação de, nas empresas e sectores em processos de reestruturação produtiva, contar com os trabalhadores experimentados, suspender os despedimentos colectivos, dar combate à precarização e mais eficácia à inspecção e à justiça no trabalho, acabar com o sórdido negócio de que são vítimas os sinistrados do trabalho na medida em que hoje é mais barato a reparação do que a prevenção.

O Programa do PCP, sendo audacioso, não é um conjunto de promessas de circunstância. Reúne um valioso património de propostas executáveis e justas apresentadas na Assembleia da República, actualizadas e legitimadas pelas aspirações, reivindicações e prolongadas lutas de centenas de milhares de trabalhadores portugueses.

condições de progresso e tem provados e extensos efeitos positivos na esfera económica.

Compreende-se assim a oposição de fundo do PCP às opções neoliberais que têm caracterizado a acção dos governos do PSD. E a crítica às políticas de baixos salários, de precarização do emprego, de desemprego, de desinvestimento social e de crescente desresponsabilização do Estado em relação às suas funções sociais.

O PCP assume, por isso, uma nova política inequivocamente comprometida na esfera social com orientações tais como: o crescimento dos salários reais dos trabalhadores e a melhoria dos rendimentos das restantes camadas laboriosas; o combate ao desemprego, ao trabalho precário e a outras formas de desregulação das relações de trabalho; a redução para as 40 horas semanais do horário máximo de trabalho; a defesa, reforço e aperfeiçoamento do sistema público de segurança social, a efectiva elevação das prestações sociais (nomeadamente das reformas e pensões mais degradadas, assegurando que as pensões míni-

mas não sejam inferiores a 60% do salário mínimo nacional, e também do abono de família), a implementação de um rendimento mínimo de subsistência suportado directamente pelo Orçamento do Estado; a defesa e reforma do Serviço Nacional de Saúde, de modo a que seja assegurada a prestação gratuita de cuidados de saúde, da mais alta qualidade, a todos os cidadãos; a



Edgar Correia

efectiva garantia do direito à segurança, higiene e saúde dos trabalhadores; a existência de habitação condigna para todos os portugueses; a justiça fiscal como parte integrante da justiça social; a garantia dos direitos constitucionais das mulheres trabalhadoras, da família, dos pais e das mães, das crianças, da juventude, dos deficientes, das pessoas

idosas; a prevenção activa da toxicod dependência e o combate ao tráfico de drogas; a promoção de um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado, designadamente através da requalificação da vida nas cidades e do combate à desertificação do interior.



**Da pré-campanha até 1 de Outubro,
com a confiança que nasce do trabalho**

Transformar a simpatia em mais votos na CDU

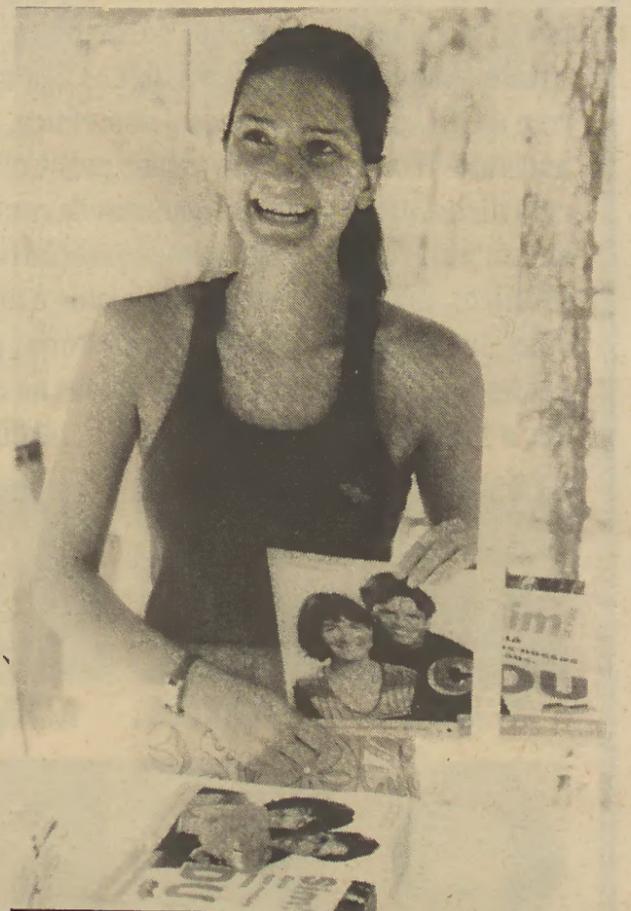
A corrente de simpatia e de aceitação das posições da CDU tem sido notória no decorrer deste longo período de pré-campanha, mais claramente aberto depois de ter sido anunciada para 1 de Outubro a data das eleições legislativas. Um grande número de variadas iniciativas - comícios e festas, debates e convívios, acções de distribuição de propaganda e afixação de cartazes, encontros especializados, sessões públicas e reuniões de trabalho - tem envolvido nos últimos meses milhares de militantes e dirigentes comunistas, do PEV e independentes, candidatos e apoiantes da CDU, um pouco por todo o País. As posições do PCP e dos seus aliados ganham mais força perante o fracasso da política de direita, cujas consequências afectam largos estratos sociais e muitas pessoas que anteriormente confiaram o seu voto ao PSD, e perante o papel de meia-oposição que os dirigentes do PS estão a levar à cena.

A CDU afirmou-se, na pré-campanha eleitoral, como a

força capaz de transformar numa consequente alternativa de esquerda os votos que lhe forem confiados a 1 de Outubro. Agora, nas quatro semanas que restam, é necessário empenhar todas as energias no trabalho de esclarecimento e convencimento que permitirá, contra as muitas adversidades e discriminações, transformar a concordância com as propostas da CDU e a simpatia para com as nossas afirmações em votos que permitam reforçar na Assembleia da República a voz de quem quer, realmente, dar a volta a isto e avançar com



determinação pelos caminhos do progresso e da justiça social.



Apoios com força

Cidadãos prestigiados pela sua intervenção nas mais variadas áreas da vida nacional, conhecedores dos problemas e das suas causas e empenhados em criar as condições para uma mudança democrática nos rumos do País, declaram o seu apoio à CDU e juntam a sua voz, a sua vontade e as suas capacidades no apelo ao voto na força que - sem vacilações nem falsas promessas, com firmeza na oposição à direita e apresentando uma alternativa coerente - se tem batido e se vai continuar a bater por uma nova política para Portugal e por uma vida melhor para os portugueses.

Nestas páginas publicamos alguns dos nomes e rostos que estão com a CDU para a mudança democrática, de acordo com a lista de apoiantes recentemente divulgada pela Coligação. O leitor reconhecerá dirigentes sindicais e membros de comissões de trabalhadores, eleitos autárquicos e dirigentes associativos, escritores e artistas plásticos, actores e cantores, juristas e arquitectos, jornalistas e cineastas, médicos, músicos e professores, personalidades independentes e militantes comunistas, unidos na confiança em que vamos dar a volta a isto, reforçando a CDU, no dia 1 de Outubro.



Siza Vieira
Arquitecto



Veiga Trigo
Árbitro de futebol



Albertina Dias
Atleta



Teresa Vilaverde Cabral
Cineasta



Cláudio Torres
Arqueólogo



Cândido Mota
Locutor



Maria Emília de Sousa
Presidente C. M. Almada



Morais e Castro
Actor



João Chambel
Estudante - Dirig. Associativo



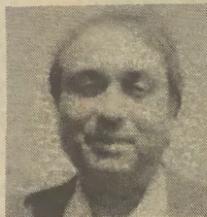
Luis Filipe Costa
Cineasta



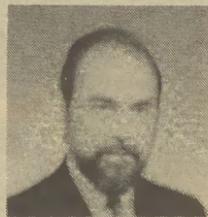
Jorge Veiga
Vice-Reitor da Univ. Coimbra



Rui Namorado Rosa
Vice-Reitor da Univ. Évora



Abílio Fernandes
Presidente da C. M. Évora



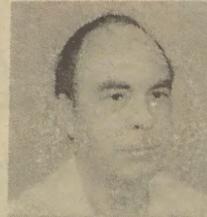
José Manuel Maia
Pres. da Ass. Area Metrop. de Lisboa



Mário Jorge
Médico - Dirigente Sindical



António Assunção
Actor



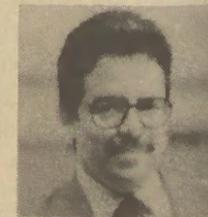
Mário Barradas
Director do Centro Dramático de Évora



José Felicidade Alves
Escritor



Janita Salomé
Cantor



Daniel Branco
Pres. da C. M. Vila Franca Xirga e da Junta Metropolitana de Lisboa



Margarida Taveira
Advogada - Vereadora C. M. Peniche



José Manuel Mendes
Escritor - Presid. Ass. Port. Escritores



Canto e Castro
Actor



Armando Castro
Prof. Catedrático - Investigador



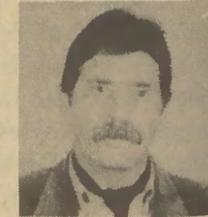
Manuel Costa e Silva
Cineasta



Mário de Carvalho
Escritor



Linda Silva
Actriz



António Fernandes Ferreira
Médico



Ester Margarida Nunes
Estudante - Dirigente Associativa



Paulo Sucena
Professor - Dirigente Sindical



Irene Cruz
Actriz



Maria Guinot
Cantora



Carlos Dutra
Escultor



Armando Aldegalega
Atleta



Rosa Coutinho
Almirante



Alice Vieira
Escritora



António Boronha
Empresário



Rogério Amaral
Artista Plástico



Rui Mendes
Actor



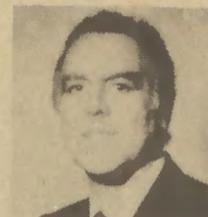
Vasco Gonçalves
General



Fátima Januário
Professora do Ensino Especial



Demétrio Alves
Presidente da C. M. Loures



Carlos do Carmo
Cantor



Rogério Silva
Dirigente da Interjovem/CGTP-IN



Rui Tadeu
Professor - Pres. Dir. Coop. Ag. Via Flor

**Nós Estamos
com a**



valor e razão



José Morgado
Professor Catedrático



Helder Madeira
Pres. da A. M. Barreiro



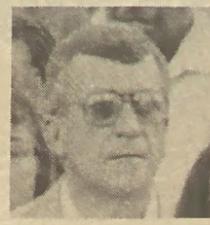
Feliciano David
Presidente da Fpd. Portuguesa Colectiv. de Cultura e Recreio



Fernanda Montemor
Actriz



Mário David Soares
Professor - Dirigente Sindical



José Ernesto Cartaxo
Dirigente Sindical



Estrela Novais
Actriz



José Saramago
Escritor



José Novo de Matos
Médico - Pres. Associação Cultural «Amigos da Serra da Estrela»



Miguel Boeiro
Presidente da C. M. Alcochete



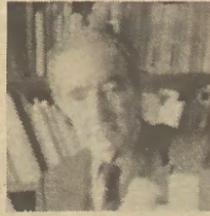
Rui Paixão
Dirigente Sindical



Sérgio Carvalho Duarte
Médico



Mário Pereira
Actor



Óscar Lopes
Escritor - Prof. Universitário



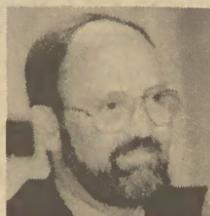
José Quitério
Jornalista



José Barata-Moura
Professor Universitário



Paulo Vaz de Carvalho
Médico



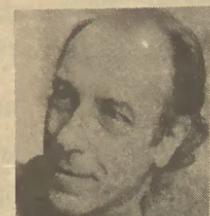
Orlando Almeida
Presidente da C. M. Amadora



José Penicheiro
Artista Plástico



José Figueira
Dirigente Sindical



Vasco Granja
Especialista em Banda Desenhada e Cinema de Animação



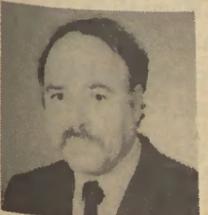
Álvaro Salazar
Maestro



Romeu Correia
Escritor



Dulce Rebelo
Investigadora



José Manuel Sampalo
Médico



Maria Helena Mira Mateus
Professora Universitária



José Álvaro Morais
Cineasta



Monique Rutler
Cineasta



Miguel Urbano Rodrigues
Jornalista



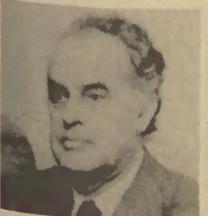
André Gago
Actor



Rogério Ribeiro
Pintor



Macedo Varela
Advogado



António Galhordas
Médico



Virginia Moura
Engenheira



Allan Gomes
Psiquiatra



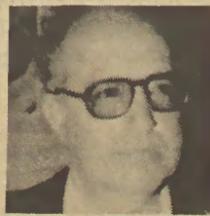
Alexandre Cabral
Escritor



Jaime Gralheiro
Advogada - Dramaturgo



Eufrásio Filipe
Presidente da C. M. Seixal



António Borges Coelho
Professor - Historiador



Urbano Tavares Rodrigues
Escritor



Bruno Neves
Estudante



Pedro Santarém
Dirigente da Frente Anti-Racista



Jorge Alarcão
Prof. Universitário - Arqueólogo



Edgar Costa
Pres. da Região de Turismo Costa Azul



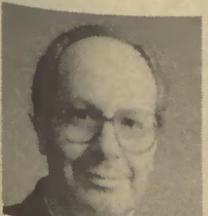
Mário Castrim
Jornalista - Escritor



Manuel Pina
Jornalista - Escritor



António José Ganhão
Pres. da C. M. Benavente



Emilio Peres
Médico



Rogério Fernandes
Professor



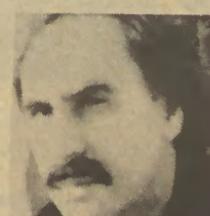
Maria Kell
Pintora



Manuel Carvalho da Silva
Dirigente Sindical



Manuel Correia
Dirig. Sindical e da Frente Anti-Racista



Vítorino
Cantor



Fernanda Lapa
Actriz



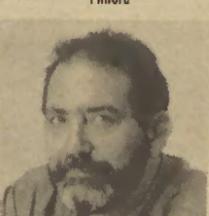
Rui Godinho
Vereador da C. M. Lisboa



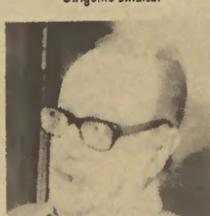
Raquel Maria
Actriz



Artur Ramos
Realizador - Encenador



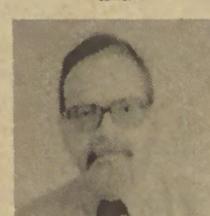
Joaquim Benite
Encenador



Luís Pacheco
Escritor



Luís Marques
Padre/França



Manuel Freire
Cantor



Manuel Lopes
Dirigente Sindical



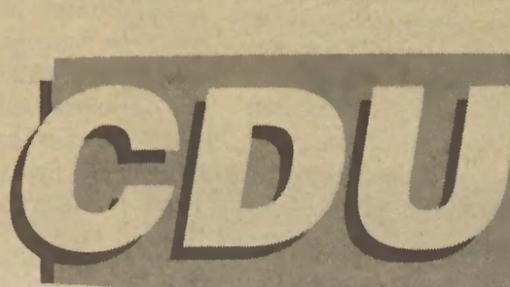
Henrique Viana
Actor



Aníbal Almeida
Professor Universitário



Joaquim Miranda
Deputado no Parlamento Europeu



CDU
A Esquerda necessária para uma nova política

Espaço Internacional

50.º aniversário da Vitória

Fascismo nunca mais!



Ponto de encontro entre os visitantes da Festa e representantes de outros países, realidades e lutas, o Espaço Internacional tem este ano, como tema central das suas actividades, a preocupação dominante da paz e segurança. Uma preocupação que mantém particular actualidade, volvidos 50 anos sobre o fim da segunda guerra mundial. Como pano de fundo - agora como sempre -, a solidariedade.

Delegações na Festa

Cerca de quatro dezenas de delegações estrangeiras, de trinta e cinco países, estão este ano na festa. Presentes, também, entre nós, dois deputados do Parlamento Europeu.

Com espaço próprio, breve testemunho de realidades muito diversas, estão as representações do PC Alemão, PDS (Alemanha), MPLA (Angola), PT (Brasil), PC Bolívia, PAICV (Cabo Verde), PC da China, PC Colombiano, PT da Coreia, "Granma" - PC Cuba, FMLN (El Salvador), "Mundo Obrero" (Espanha), Partido dos Comunistas da Catalunha, Bloco Nacionalista Galego, "L'Humanité" - PC Francês, "Rizospastis" - PC da Grécia, Partido da Refundação Comunista (Itália), Partido Tudeh (Irão), PC do Iraque, Partido Socialista da Sérvia, FLN do Kurdistan, PC Libanês, Moçambique, FSNL (Nicarágua), OLP (Palestina), PC Peruano, Polisário (Sara Ocidental), Timor-Leste.

O espaço internacional inclui ainda pavilhões da Associação Portugal/Cuba e do Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC).

Para além destas representações de partidos comunistas e outras forças progressistas, encontram-se entre nós delegações dos PC e PT da Bélgica, PC Colombiano, FDN das Filipinas, Organização Política Lavalas (Haiti), PC da Grã-Bretanha, PT da Irlanda, PC do Japão, Partido de Vanguarda Democrática e Socialista (Marrocos), PC da Federação Russa, PC do Vietnam, PC do Uruguai.

O fim da segunda Guerra Mundial é assinalado de formas várias na Festa, também através da divulgação de um pequeno folheto, que aqui sucintamente reproduzimos. Folheto que contém um apelo para um mundo pacífico, livre de armas nucleares.

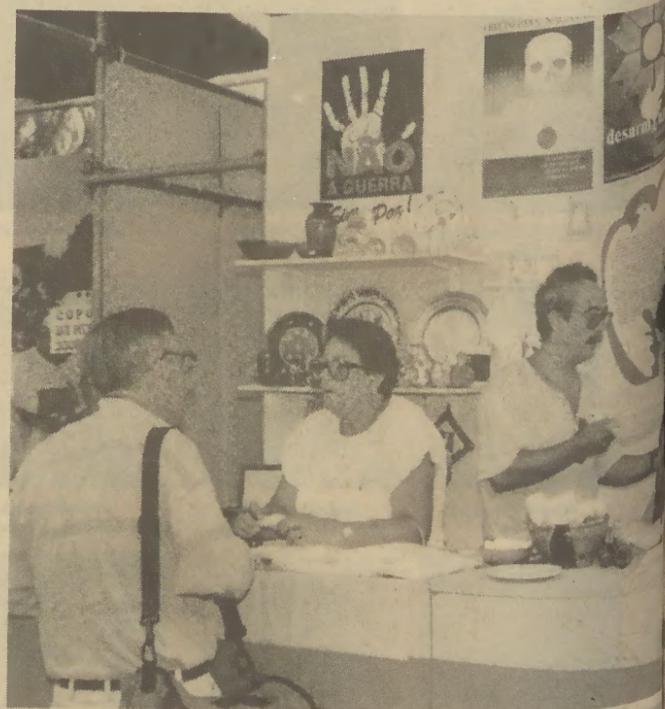
"É necessário não esquecer as causas da guerra (que radicam na própria natureza do imperialismo), não

esquecer os seus responsáveis directos (o fascismo e o nazismo), não esquecer as terríveis destruições e horrores que significou (dos campos de concentração nazis ao holocausto de Hiroshima e Nagasaki). E não esquecer também a decisiva contribuição da URSS e do vasto movimento de Resistência para a libertação da Humanidade do flagelo nazi-fascista".

Memória do passado que se não desliga das realidades do presente, da necessidade de "estar atento a tendências particularmente perigosas" dos nossos dias.

"O avanço do racismo, do nacionalismo, das forças de extrema-direita são realidades inquietantes. Os generalizados ataques a conquistas e direitos dos trabalhadores, o desemprego e a marginalização social, correm a par do fortalecimento de tendências autoritárias do militarismo, do intervencionismo agressivo nos assuntos internos dos povos de numerosos países e regiões do Mundo. A militarização da União Europeia (via PESC/UEO) e o propósito de a transformar em bloco político-militar imperialista, é particularmente inquietante. O anunciado reatamento dos ensaios nucleares por Jaques Chirac coloca de novo na ordem do dia a necessidade de intensificar a luta pelo desarmamento e em particular pela proibição das armas nucleares".

Entre a necessidade de preservar a memória do passado e dar resposta a algumas perigosas tendências do presente, impõe-se "intensificar as acções pela paz e solidariedade internacionalista". Uma luta que passa também "por dar mais força ao PCP e à CDU nas eleições de Outubro".



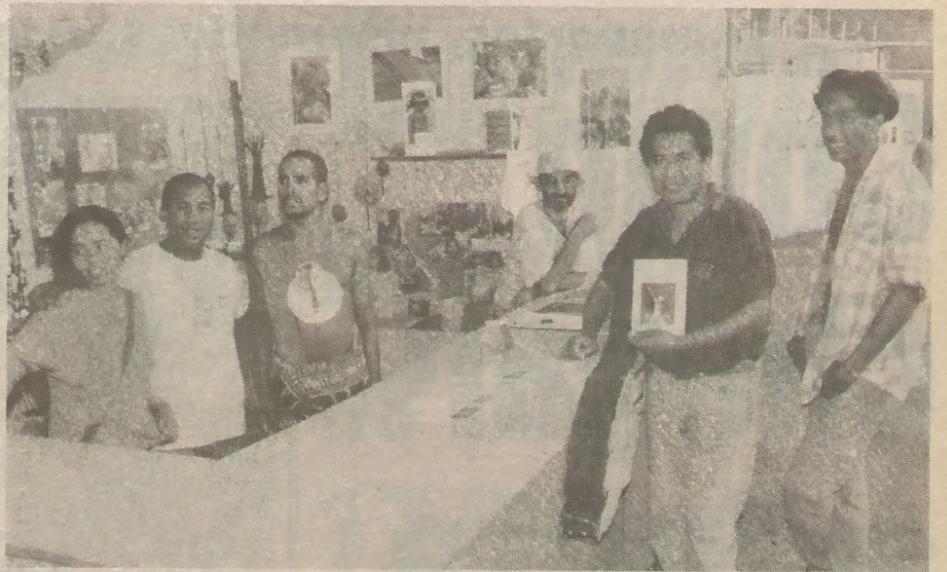
FASCISMO NUNCA MAIS!

Por um mundo pacífico, livre da ameaça nuclear!

A segunda Guerra Mundial de 1939 / 45 constitui um marco decisivo na História Contemporânea.

É necessário não esquecer as causas da guerra (que radicam na própria natureza do imperialismo), não esquecer os seus responsáveis directos (o fascismo e o nazismo), não esquecer

as terríveis destruições e horrores que significou (dos campos de concentração nazis ao holocausto de Hiroshima e Nagasaki). E não esquecer também a decisiva contribuição da URSS e do vasto movimento de Resistência para a libertação da Humanidade do flagelo nazi-fascista.



Palco da Solidariedade

O Palco da Solidariedade alterna música e debates. A solidariedade também na sua

expressão de trocas culturais. Neste sábado temos música tradicional francesa e celta em

acordeão com Rini Luyks, música popular portuguesa com Luís Guerreiro, e ao fim da noite, música do Brasil com Stela e Arte Brasil.

Música entremeada de quatro debates: a Sérvia e o conflito na ex-Jugoslávia; a China hoje; por Timor e a luta dos comunistas na Rússia.

No domingo, os debates são sobre o povo kurdo em luta e de solidariedade com o povo angolano.

E haverá música popular portuguesa, música e cantares de Timor-Leste e serenata de Cabo Verde.

Junto a este palco há uma exposição evocativa do 50º Aniversário da Vitória sobre o nazi-fascismo.

Debates

Sábado

- 15.00 h – A Sérvia e o conflito na ex-Jugoslávia
- 17.00 h – A China hoje
- 21.00 h – Por Timor
- 22.00 h – Na Rússia os comunistas lutam

Domingo

- 14.30 h – O povo kurdo em luta
- 19.30 h – Solidariedade com o povo angolano



Forum Paz e segurança na Europa

O 50º aniversário da Vitória. A paz e a segurança, hoje, na Europa é o tema do debate que vai decorrer este sábado, pelas 17 horas, no Forum do Pavilhão Central, com representantes dos seguintes partidos:

Partido do Socialismo Democrático, Alemanha – Lothar Bisky, presidente

Partido Comunista de Espanha – Victor Dias Cardiel, Comissão Permanente

Partido Comunista Francês – Jacques Dennis, membro do Comité Nacional

Partido Comunista da Grécia

Partido da Refundação Comunista, Itália – Severino Gallante, membro da Direcção Nacional.

O PCP está representado por João Amaral, cabeça de lista pela CDU no Porto, deputado, membro do Comité Central.

O Colóquio é presidido por Albano Nunes, do Secretariado e da Secção Internacional.

Saborear outros gostos

De mistura com os cerca de 30 pavilhões, testemunho de realidades políticas, económicas, sociais e culturais diversas, onde a troca de ideias permeia a compra da peça de artesanato ou do cartaz político, temos cerca de uma dezena de bares e restaurantes, onde uma vez mais podemos saborear

os pratos tradicionais de Angola, Cabo Verde, China, Cuba ou Timor-Leste, Líbano ou Brasil.

Locais de convívio das diferentes delegações estrangeiras, a que se somam também o Bar Paz e Cooperação e o Bar da Solidariedade.



Transportes, alternativas rodoviárias, parques de estacionamento

Como chegar à Festa

De barco - a opção cómoda

Se vive ou se encontra em Lisboa aproveite e apanhe o barco no Terreiro do Paço ou no Cais do Sodré - 45 minutos depois está na Festa do «Avante!». À ida e à volta é uma opção cómoda.

Com partidas frequentes no Terreiro do Paço, as carreiras fluviais para o Seixal oferecem a possibilidade de descobrir um Tejo novo e diferente e após o percurso encontrará a qualquer hora a ligação rodoviária (tipo vai-vem) que o deixará à porta da Festa.

Se preferir atravessar o Tejo até Cacilhas pode optar entre Terreiro do Paço e o Cais do Sodré, onde terá ao seu dispor carreiras reforçadas durante os três dias da Festa que o levarão ao terreno da Atalaia.

De automóvel - conheça as alternativas

Se optar por ir de automóvel tenha em conta as indicações úteis que a organização da Festa estudou para si.

Parques de estacionamento

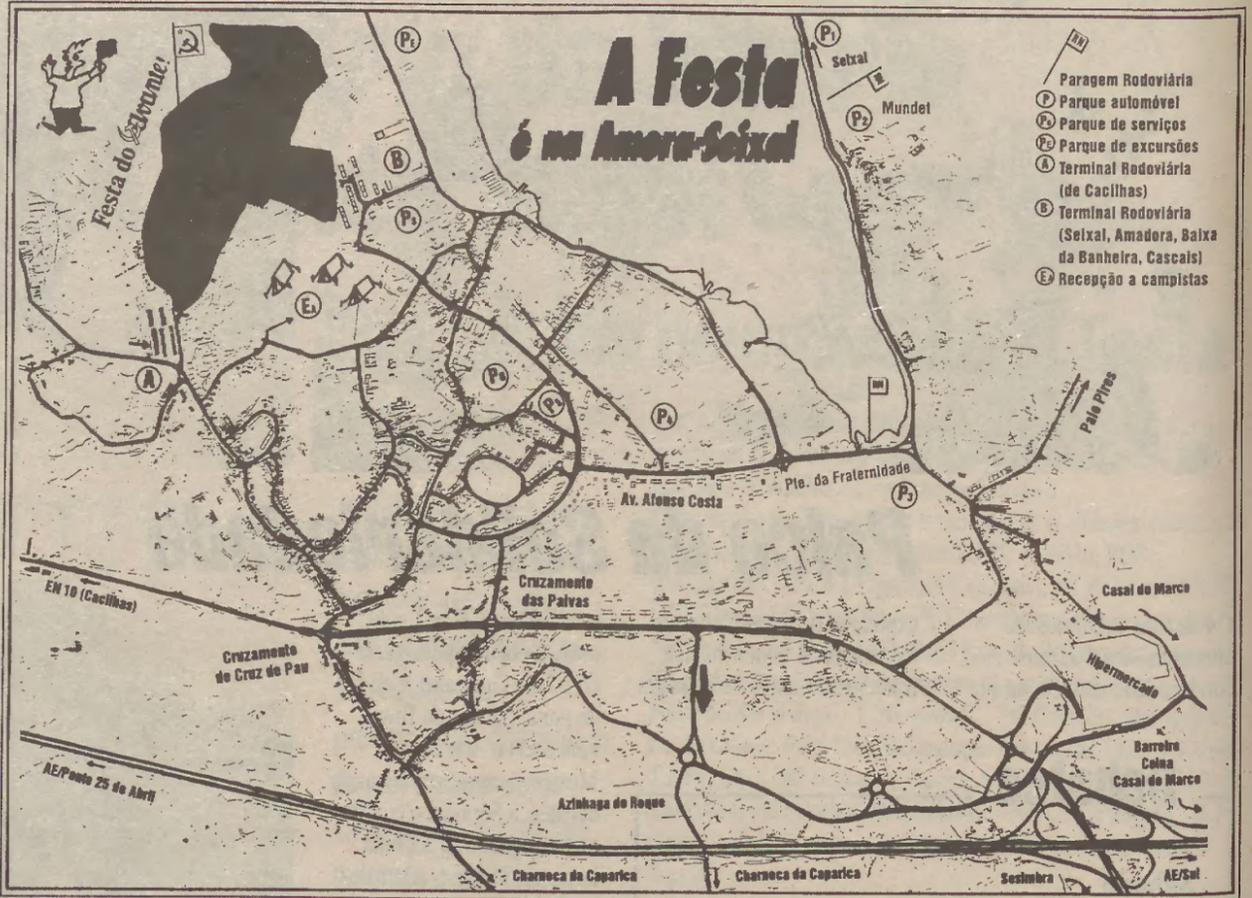
to: com o objectivo de evitar o congestionamento de trânsito no interior da Amora e assim permitir saídas mais rápidas, aconselhamos os visitantes a estacionarem nos parques sinalizados ao longo das vias.

Se vier do Sul ou sair no nó do Fogueteiro deixe o carro nos parques da Torre da Marinha (P3) ou da Mundet (P2) ou no Seixal (P1). Em todo o caso, não ultrapasse a Ponte da Fraternidade. Evita assim a complexidade do trânsito na Amora, para além de encontrar com facilidade espaços de estacionamento, que são servidos permanentemente por autocaros a funcionar em regime de vai-vem que o levarão rapidamente ao terreno da Festa.

Se vier de Lisboa, como alternativa à auto-estrada do Sul e à Estrada Nacional 10, sugerimos que utilize a nova variante à EN 10, frente ao Pão de Açúcar de Almada.

Se vier do Norte pode seguir por Lisboa até à Ponte 25 de Abril e tomar o percurso sugerido acima. Pode também seguir por Vila Franca de Xira, Porto Alto, Infanta-do, Alcochete, Montijo, Coima, Paio Pires e Torre da Marinha ou nó do Fogueteiro, onde encontra as indicações até aos parques de estacionamento.

Ao sair da Festa, existem também algumas alternativas à auto-estrada do Sul e à EN10.



Siga, por exemplo, o seguinte percurso: Paivas ou Cruz de Pau, Belverde, Marisol, Charneca da Caparica e via rápida da Costa. Ou então vá por Stª Maria de Corroios,

estrada da Sobreda e Feijó/variante à EN10 ou via rápida da Costa.

Todos estes percursos são visíveis no mapa que publicamos, bem como se encontram

assinalados com setas da Festa do «Avante!» ao longo das estradas. Estas indicações estão igualmente incluídas num folheto editado pela organização da Festa que ajudará o visi-

tante a escolher a melhor forma de se deslocar à Festa. Portanto, se não conhece a região não tema aventurar-se. Encontrará sempre o melhor caminho para a Festa.

TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

●Cacilhas - Festa (Medideira ou Qª da Princesa)

-250\$00 a bordo;
152\$00 pré-comprado ou passe Social
-Sexta-feira e Sábado com carreiras até às 02.15 (Qª da Princesa)
-Domingo com carreiras até às 24.00h (Qª da Princesa)

●Amadora (Parque Central) - Festa (Medideira)

-750\$00 ida e volta; 550\$00 por viagem.

Sexta-feira Sábado e Domingo

| Ida | Sábado e Domingo |
|--------------------|--------------------|
| Das 17.00 às 22.00 | Das 08.00 às 22.00 |
| Regresso | Regresso |
| Das 18.00 às 01.00 | Das 9.00 às 01.00 |

●Seixal - Festa (Medideira)

-150\$00 a bordo;
114\$00 pré-comprado ou passe SX
-Vai-vem de ligação com os barcos no Seixal. Paragens nos parques automóveis do Seixal (P1) da Mundet; (P2) da Torre da Marinha; Ponte da Fraternidade (P3)

●Cascais (Alto do Pires) - Festa (Medideira)

-850\$00 ida e volta

Sábado e Domingo

| Com partida |
|--------------------------------------|
| Às 8.30 |
| Regresso |
| às 01.30 (Sábado) 22.30 (Domingo) |

●Baixa da Banheira - Festa (Medideira)

-435\$00 a bordo e 342\$00 pré-comprado - (via Lavradio, Barreiro, Qª da Lomba, Palhais, S.to António da Charneca, Coima, Paio Pires)

Sexta-feira Sábado e Domingo

| Ida | Sábado e Domingo | Ida | Regresso |
|----------|------------------|--------|----------|
| 18.00 | 10.30 | 18.00 | |
| 19.00 | 11.30 | 19.00 | |
| 20.00 | 12.30 | 20.00 | |
| 21.00 | 13.30 | 21.00 | |
| 21.30 | 15.00 | 22.00 | |
| Regresso | 16.00 | 23.00 | |
| 23.00 | 18.00 | 23.30 | |
| 24.00 | 19.30 | 24.00 | |
| 00.30 | 20.00 | 00.30* | |
| 01.00 | 21.00 | 01.00* | |
| 01.30 | 21.00 | 01.30* | |
| 02.00 | 22.00* | 02.00* | |



TRANSPORTES FLUVIAIS

●Via Cacilhas

-Do Terreiro do Paço (até às 21.00) e do C. do Sodré (sempre)
-90\$00/Bilhete ou passe Social
-Partidas de Lisboa de 15 a 20 min.

Partidas de Cacilhas

| 6ª Feira | Sábado | Domingo |
|----------|--------|---------|
| 23.00 | 23.00 | 21.00 |
| 23.15 | 23.15 | 21.20 |
| 23.30 | 23.30 | 21.40 |
| 23.45 | 23.45 | 22.00 |
| 24.00 | 24.00 | 22.15 |
| 00.20 | 00.20 | 22.30 |
| 00.40 | 00.40 | 23.00 |
| 01.00 | 01.00 | 23.15 |
| 01.20 | 01.20 | 23.30 |
| 01.40 | 01.40 | 24.00 |
| 02.00 | 02.00 | 00.40 |
| 02.20 | 02.20 | 01.20 |
| 03.00 | 03.00 | 02.00 |
| 04.00 | 03.30 | |

●Via Seixal

-Do Terreiro do Paço
-200\$00/Bilhete
-Descobrimo um Tejo novo e diferente

Via Seixal

| 6ª Feira | Sábado | Domingo |
|--------------|--------------|--------------|
| Lisb. Seixal | Lisb. Seixal | Lisb. Seixal |
| 17.00 | 07.35 | 09.25 |
| 17.40 | 08.45 | 10.35 |
| 18.00 | 09.55 | 11.45 |
| 18.20 | 11.05 | 12.55 |
| 18.45 | 12.15 | 14.05 |
| 19.10 | 13.25 | 15.15 |
| 19.35 | 14.35 | 16.25 |
| 20.00 21.20 | 15.55 20.30 | 18.10 |
| 20.45 22.30 | 16.55 21.40 | 19.20 |
| 23.40 | 18.05 22.50 | 20.30 |
| 00.50 | 19.15 24.00 | 21.40 |
| 02.00 | 01.10 | 22.50 |
| 03.10 | 02.20 | 24.00 |



Comício

Domingo

às

17.00 horas

É o grande momento político da Festa do «Avante!». Intervenções de Bernardino Soares, candidato a deputado nas próximas eleições legislativas indicado pela Juventude Comunista Portuguesa; Carlos Brito, director do «Avante!»; Álvaro Cunhal, presidente do Conselho Nacional do PCP, e Carlos Carvalhas, Secretário-Geral do Partido.



Forum/Colóquios

Alguns dos principais problemas da actualidade política em Portugal e no mundo são debatidos no Forum do Pavilhão Central. Eis os temas: Os trabalhadores e o progresso: Emprego/Salários/Direitos; Geopolítica da droga e o flagelo da toxicoddependência: mistificações e respostas; 50º aniversário da Vitória. A paz e a segurança, hoje, na Europa; Pela esquerda, para uma nova política: as propostas do Programa Eleitoral do PCP e Os direitos sociais no regime democrático.

Hoje

15.00 horas - Geopolítica da droga e o flagelo da toxicoddependência: mistificações e respostas.

Com Francisco Lopes, António Filipe, Carlos Gonçalves e Dr. Luís Duarte Patrício.

17.00 horas - 50º aniversário da Vitória. A paz e a segurança, hoje, na Europa.

Com representantes dos partidos do Socialis-

mo Democrático (Alemanha), Comunista de Espanha, Comunista Francês, Comunista da Grécia, da Refundação Comunista (Itália) e Comunista Português.

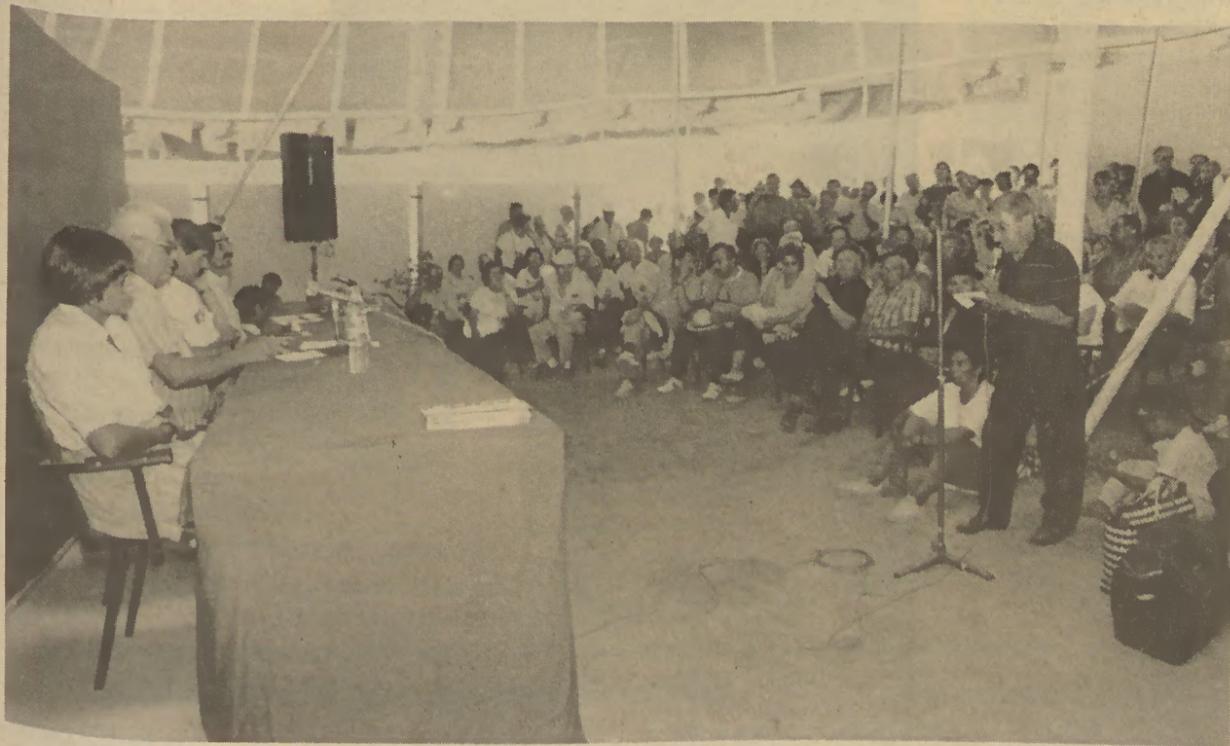
21.30 horas - Pela esquerda, para uma nova política: as propostas do Programa Eleitoral do PCP.

Com Edgar Correia, Luís Sá, Octávio Teixeira e Vítor Dias.

Amanhã

15.00 - Os direitos sociais no regime democrático.

Com Cipriano Justo, João Araújo, José Abreu, Rui Namorado Rosa e Ana Carita.



Auditório da Imprensa do Partido

Conversas com os visitantes da Festa neste espaço localizado no Pavilhão Central. Os temas são: Portugal, o PCP e a Segunda Guerra Mundial; o comunismo, hoje; a organização do Partido; a imprensa partidária.

Palco «25 de Abril» e Auditório «1º. de Maio»

«Cavaco bum bum»

A política e a música. Ontem ouvimos que esse pode ser um casamento feliz.

«Cavaco bum bum» é frase de canção. **General D** é o autor. Ficou-nos na memória. Mas a noite de ontem no palco 25 de Abril abriu com o grupo angolano **Kussundulola**. As primeiras palavras que ouvimos sob forma de canção referiram-se ao fim da escravidão dos negros, à libertação do jugo branco colonialista e à luta de hoje contra o racismo e a xenofobia. Também nos ficaram na memória. Em Portugal, a política voltou às canções.

Com **Kussundulola** estava dado o mote de uma magnífica mensagem, que a visão da amálgama afectuosa de gente negra e branca, a bailar, a cantar, a pular, a gritar, a aplaudir - em «noite de danças e folias» como diria o vocalista da **Brigada Victor Jara** ao apresentar a actuação do seu grupo - permitiria enunciar através do slogan feito popular por infelizes acontecimentos recentes na sociedade portuguesa: «todos diferentes, todos iguais».

General D, no auge de uma actuação pujante, seria inequívoco: «há racismo em Portugal», «combater o racismo começa pelo reconhecimento de que ele existe» ou «não esquecemos a morte de Alcindo»...

Não ao nuclear

Mas voltemos ao grupo **Kussundulola**: para além do racismo, outras preocupações foram levadas à Atalaia por este conjunto de músicos, como foi o caso da explosão nuclear, anunciada para ontem, levada a efeito no Pacífico Sul para satisfação da vontade e do negócio bélicos do Governo de França.



Mísia

Soubemos ontem que **Kussundulola** e milhares de pessoas na Atalaia-Amora-Seixal e, todos já o sabiam, milhões de cidadãos por todo o mundo, estão contra o acto teimosamente ordenado por Jacques Chirac.

Logo na abertura do Palco 25 de Abril o Governo de direita francês merecera uma enorme

vaia quando o locutor e realizador radiofónico **Carlos Ferreira** - anfitrião deste ano dos espectáculos do palco principal da Festa - assegurara ao público presente a presença de **Pedro Abrunhosa** e os **Bandemónio** amanhã, no espectáculo de encerramento. Foi uma das notícias do dia: o músico participou em Paris numa manifestação contra o teste nuclear de ontem e foi preso durante algumas horas, juntamente com centenas de outras pessoas. **Abrunhosa** está livre, tem hoje um espectáculo em Nantes e nada parece impedi-lo - ele próprio já o disse à comunicação social portuguesa - de estar amanhã na Atalaia.

Uma ausência e uma presença

Já que se falou de **Carlos Ferreira**, diga-se que este fez questão de lembrar aquele que durante muitos anos tem sido o «dono da casa» que nos recebe no Palco 25 de Abril: **Cândido Mota**, cuja ausência se justifica por um arrelhiador impedimento de última hora ocorrido durante uma estada em Cádiz. **Cândido** está retido, mas do Porto veio um **Carlos Ferreira** a receber-nos tão bem, conduzindo-nos com prazer e eficácia ao longo de uma noite de clima e sons quentes.

De **Kussundulola** falávamos nós... bem quente é este som *reggae*, com um ligeiro toque africano, bem mais acentuado ao vivo do que no disco agora lançado no mercado português. Aliás, este espectáculo foi como que um lançamento desse álbum, tal como aconteceu com **General D e os Karapinhas** e ainda com os dois espectáculos

de Angola nos surja um grupo que adopte este ritmo, cuja dançabilidade peculiar e o génio de «monstros-sagrados» como **Bob Marley** ou **Peter Tosh**, tornaram, a partir dos anos 70, popular em todo o mundo.

Da noite **Kussundulola** na Atalaia fica a cadência: situada no equilíbrio impossível da brandura com a energia, do doce com o acre, da água com o fogo. É a estranha qualidade do *reggae* a que se junta a luz e o espaço da terra angolana.

Música pensada

A **Brigada Victor Jara** recordou as músicas e os



Kussundulola

músicos que fazem vinte anos da história do grupo e parte importante da história recente da Música Popular Portuguesa. Com os seus convidados - por vezes inesperados, como o premiado realizador televisivo açoriano, afinal senhor de uma característica voz - a **Brigada** ofereceu-nos músicas que fazem já parte da história pessoal de muitos de nós e demonstrou a sua modernidade através de canções que farão parte do próximo álbum da formação: «Danças e Folias».

Um espectáculo a impressionar também através da voz feminina, do trabalho cénico e da fuga ao fácil: aqui diz-se, bem alto, que Música Popular Portuguesa não é simplesmente o «tam-tam-tam-tam» das chulas e malhões.

Para este escriba no jornal que dá nome a esta Festa, não podiam deixar de ser agradáveis as palavras dirigidas ao público no final da actuação, em nome do grupo, dedicadas a todos aqueles que ajudam a construir este acontecimento. Daqui só nos resta dizer que este ano, mais uma vez, a **Brigada** também foi um desses construtores.

O jazz pode falar português

Entretanto no Auditório «1º. de Maio» actuava o **Quarteto de João Paulo**: piano, sax-alto, contrabaixo e bateria. Foi *jazz* mas com som em português, na



General D e os Karapinhas



Quarteto de João Paulo

escrita e na improvisação, que é como quem diz «na inteligência e no sentimento».

Com aparente influência dos primeiros trabalhos de António Pinho Vargas - ilusão sublinhada pela utilização da sobreposição melódica, em oitava, do piano e saxofone - as composições de **João Paulo** exploram um caminho que talvez seja o único a que genuinamente poderemos dar tal qualificação: *jazz português*. Uma direcção que terá ainda muitos frutos para dar.

Durante a actuação do **Quarteto de João Paulo** quase nos sentíamos transportados



Brigada Victor Jara

para uma viagem através do país, tal era a dimensão pictórica desta música!

Registe-se aqui a significativa melhoria para o público que constitui a nova instalação do Auditório «1º. de Maio»: maior área, total visibilidade, alguns lugares sentados, outro arejamento. Algo que vai,

certamente, influenciar para melhor o resultado final da maioria dos espectáculos que ali se efectuarem.

O fado

Mísia é fado. Sério. A sério. Esta cantora merece que alguém faça sobre ela o trabalho de promoção de que outros, de menor talento e cultura, beneficiam. Os aplausos intensos do público presente no Auditório demonstraram-no, mais uma vez.

Quem ouve **Mísia** não se sente enganado: está ali uma

Professor José Fontes Rocha com palavras de Jorge Palma?

Rendição incondicional

A noite chegava ao fim, e tinha o melhor para dar: **General D e os Karapinhas** no Palco 25 de Abril.

Racismo, sida, xenofobia, negritude, prostituição, liberdade, não ao nuclear, «Cavaco bum bum», droga. Palavras e temas de canções livres. Explosão rítmica. Exaltação penhorada de milhares de espectadores. O *rap* a desfilar, misturado com ritmos negros africanos e americanos. Uma noite de 40 graus!

General D e os seus amigos - perdeu-se a conta ao número de músicos que, alucinantemente, foram desfilar ao longo do espectáculo - são gente de arte na dança, no tocar e no canto (a voz feminina, senhores!), e a capacidade do seu líder de nunca perder o sentido e o sentir do público é notavelmente invulgar.

Se a programação dos próximos dias não fosse tão rica, a capacidade do seu líder de nunca perder o sentido e o sentir do público é notavelmente invulgar.

Se a programação dos próximos dias não fosse tão rica, a capacidade do seu líder de nunca perder o sentido e o sentir do público é notavelmente invulgar.

General D é progressista. Não há dúvida. Dúvida não há sobre outro facto: aquele é bicho grande de palco: o enorme «25 de Abril» podia ter o dobro do tamanho que este **General** e a sua tropa tratavam da ocupação total, obrigando-nos a rendição incondicional!



Festa do Livro e do Disco



Ocupando um conjunto de amplas, agradáveis e funcionais tendas, a Festa do Livro e do Disco permite aos visitantes contactarem com uma vasta selecção de livros e discos das mais representativas editoras nacionais. O desconto geral de 25% nas novidades, os saldos (com preços de 300\$00, 600\$00, 800\$00, 1000\$00 e 1200\$00) e as promoções a preços especiais tornam indispensável uma visita à Festa do Livro e do Disco. Refira-se ainda a secção de brinquedos, melhorada em correspondência com o cada vez maior interesse que vem despertando. Espaço de encontro com os livros e os discos e simultaneamente de diálogo com os autores, a Festa do Livro e do Disco é uma significativa manifestação cultural da Festa do Avante!

De **Álvaro Cunhal**
duas obras fundamentais para a compreensão do processo da revolução de Abril



Acção Revolucionária, Capitulação e Aventura

~~1995\$00~~ 1500\$00

A Revolução Portuguesa. O Passado e o Futuro

~~2499\$00~~ 1500\$00

Álvaro Cunhal

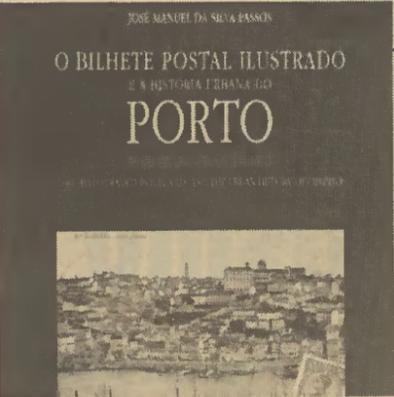
Acção Revolucionária, Capitulação e Aventura

Álvaro Cunhal

A Revolução Portuguesa

O Passado e o Futuro

Livros para ter e oferecer



J. M. da Silva Passos, O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana do Porto

~~13 950\$00~~ 9000\$00



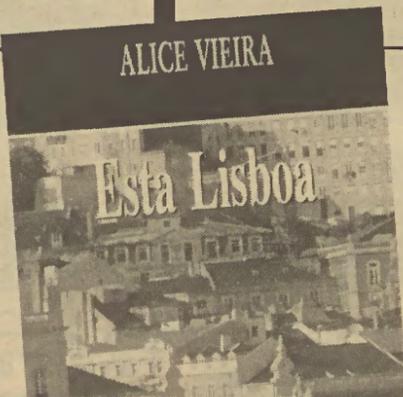
J. M. da Silva Passos, O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana de Lisboa

~~13 950\$00~~ 9000\$00



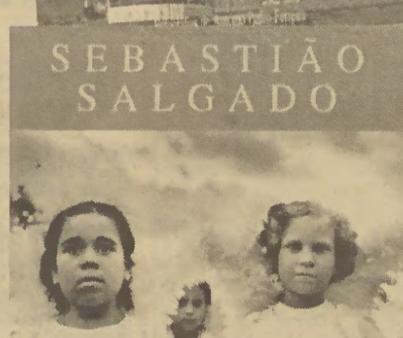
Luís de Albuquerque, Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses

~~13 950\$00~~ 9000\$00



Alice Vieira, Esta Lisboa

~~8 400\$00~~ 5 500\$00



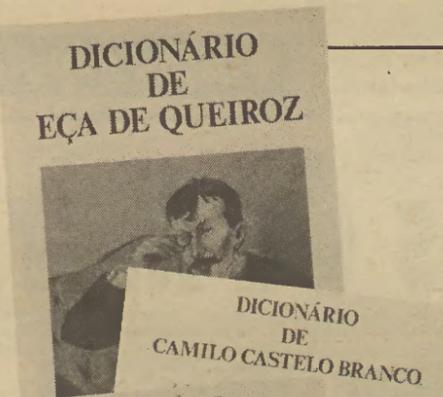
Sebastião Salgado, Um Incerto Estado de Graça

~~12 600\$00~~ 8000\$00



Hans van Lemmen, Azulejos na Arquitectura

~~7 900\$00~~ 4 800\$00



A. Campos Matos, Dicionário de Eça de Queiroz

~~9 975\$00~~ 6 500\$00

Alexandre Cabral, Dicionário de Camilo Castelo Branco

~~5 145\$00~~ 3 200\$00

Jorge Leitão Ramos, Dicionário do Cinema Português (1926-1988)

~~6 090\$00~~ 4 000\$00

G. Tavani e G. Lanciani, Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa

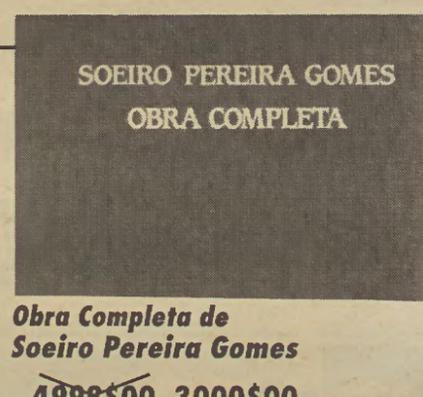
~~9 975\$00~~ 6 500\$00

Luís Albuquerque, Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses - I

~~6 300\$00~~ 4 000\$00

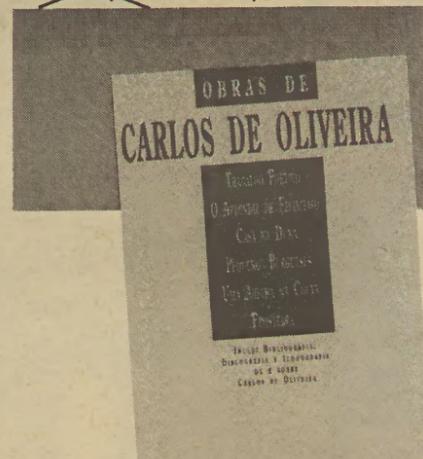
Luís Albuquerque, Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses - II

~~6 300\$00~~ 4 000\$00



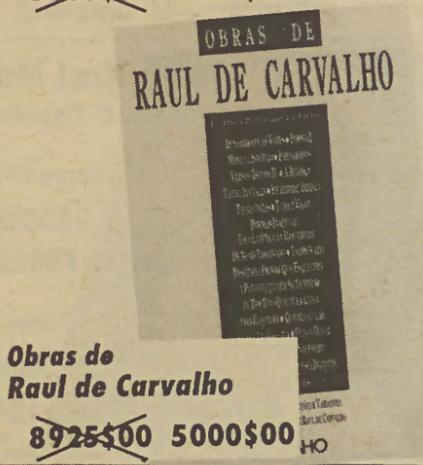
Obra Completa de Soeiro Pereira Gomes

~~4 998\$00~~ 3 000\$00



Obras de Carlos de Oliveira

~~5 985\$00~~ 4 000\$00



Obras de Raul de Carvalho

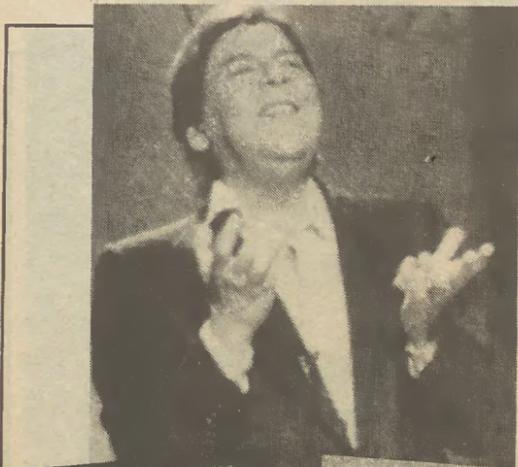
~~8 925\$00~~ 5 000\$00

Promoções especiais com desconto até 40% • Desconto mínimo de 25%

Saldos fins de edição a 300\$00 • 600\$00 • 800\$00 • 1000\$00 E 1200\$00 • LIVROS A PREÇOS DE FESTA!



Festa do Livro e do Disco



Obra Poética
~~3500\$00~~
2500\$00

As Palavras das Cantigas
~~1995\$00~~
1500\$00

«... e ei-lo poeta todo mãos abertas para apanhar tudo o que a vida dá. Porquê esta voracidade? Leiam-no...»
Natália Correia

Manuel Tiago
(pseudónimo literário de Álvaro Cunhal)



Até Amanhã, Camaradas
~~1680\$00~~
1000\$00



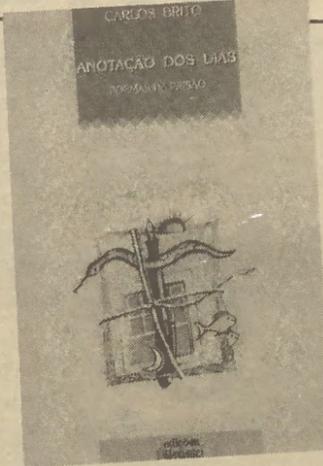
Cinco Dias e Cinco Noites
~~1260\$00~~
800\$00

E pela primeira vez na Festa:

A Estrela de Seis Pontas
~~1680\$00~~
1200\$00



Preços especiais de Festa!



Carlos de Brito,
Anotação dos Dias - Poemas da Prisão

~~1470\$00~~
1000\$00

José Ricardo, **Romanceiro do Povo Miúdo**

~~2310\$00~~ 600\$00

Fernando Miguel Bernardes, **Uma Fortaleza da Resistência**

~~1890\$00~~ 600\$00



Joaquim Campino,
Histórias Clandestinas

~~1470\$00~~
600\$00

Clássicos do Marxismo-Leninismo



Obras Escolhidas de Marx-Engels em 3 tomos

~~2992\$50~~
(cada tomo)

1 000\$00
(cada tomo)

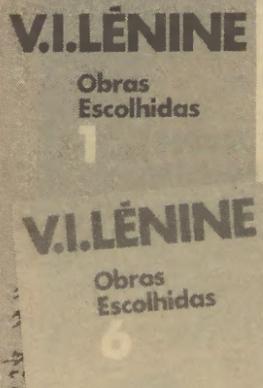


Obras Escolhidas de Lénine em 3 tomos

~~2992\$50~~ (cada tomo) 1000\$00

Obras Escolhidas de Lénine em 6 tomos

~~1995\$00~~ (cada tomo) 800\$00



Biografia de Karl Marx

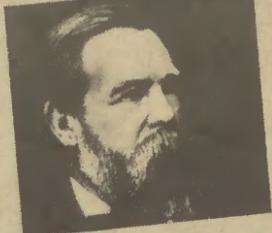
~~3300\$00~~
1500\$00

Biografia de Friedrich Engels

~~3300\$00~~
1500\$00

Biografia de V. I. Lénine

~~3300\$00~~
1500\$00



KARL MARX



Karl Marx
O Capital

Tomo I
~~3000\$00~~
1500\$00

Tomo II
~~3000\$00~~
1500\$00



Tomo I + Tomo II = 2500\$00



Miséria da Filosofia
~~1995\$00~~
1200\$00



Manuscritos Económico-Filosóficos de 1844
~~1995\$00~~
1200\$00

Promoções especiais com desconto até 40% • Desconto mínimo de 25%
Saldo fins de edição a 300\$00 • 600\$00 • 800\$00 • 1000\$00 E 1200\$00 • LIVROS A PREÇOS DE FESTA!

PARA OS MAIS NOVOS, LIVROS MAIS ACESSÍVEIS



Soeiro Pereira Gomes, Esteiros

Alves Redol, A Vida Mágica da Sementinha

Alice Vieira, O Coelho Branco e a Formiga Rabiga



Philippe Cayeux, O Crocodilo e os Seis Anões

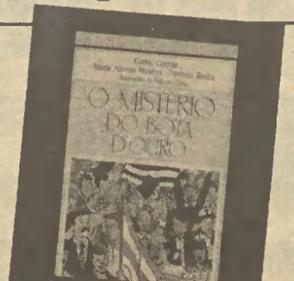


500\$00 cada título
Aproveite os preços da Festa!

Ana Magalhães e Isabel Alçada, Uma Aventura em Macau

Carlos Correia, Maria Alberta Menéres e Natércia Rocha, O Mistério do Bota d'Ouro

Ana Magalhães e Isabel Alçada, Mataram o Rei!



Fernando Bento Gomes, Viagem pelo Mundo da Folia

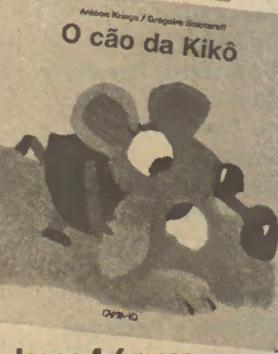
Ana Magalhães e Isabel Alçada, Os Músicos Mágicos



Glória Bastos, A Princesa e o Tambor

Nico Orengo, Uma Borboleta para Alice

300\$00 cada título
Aproveite os preços da Festa!



Jogos 4-6 anos

O Cão da Kikô

Cadernos para colorir



500\$00 cada título
Aproveite os preços da Festa!



Brian Moses, Estou Triste, Estou Zangado, Tenho Inveja, Tenho Medo



1260\$00 cada título **800\$00 cada título** Aproveite os preços da Festa!

Mandy Suhr, A Vista, O Ouvido, O Tacto, O Gosto, O Olfacto



PARA OS MAIS NOVOS, OS LIVROS MAIS BELOS

A História por Dentro

- Andrew Langley, *A Era da Indústria*
- Laverance and Wood, *Grécia Antiga*
- Simon James, *Roma Antiga*
- Judith Crosher, *Egipto Antigo*
- Sarah Howarth, *A Idade Média*



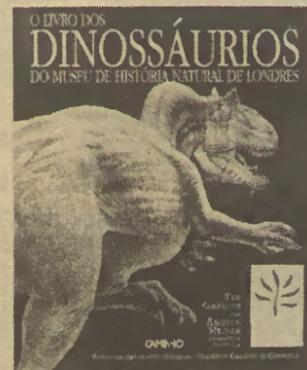
3000\$00 cada título **2000\$00 cada título**



Alice Vieira, Eu Bem Vi Nascer o Sol
~~2835\$00~~ 2000\$00



David West e Steve Parker, 53 1/2 Coisas Que Mudaram o Mundo
~~2499\$00~~ 1800\$00



Ingrid e Dieter Schubert, Elefantes e Formigas
~~2499\$00~~ 1800\$00

Juliet Heslewood, História da Pintura Ocidental (Guia para Jovens)
~~2940\$00~~ 1800\$00



Tim Gardom e Angela Milner, O Livro dos Dinossáurios
~~3497\$00~~ 2400\$00

Brinquedos e livros para os mais pequenos
Grande variedade de discos e CD's



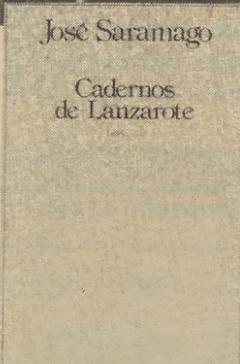
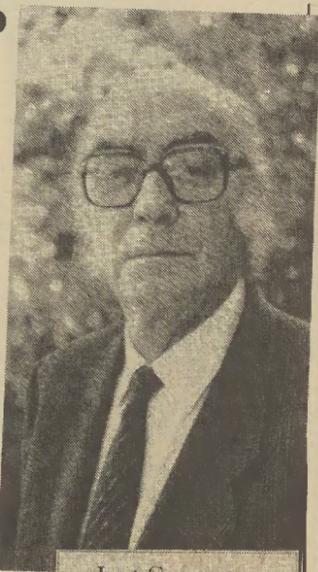
Festa do Livro e do Disco

A PALAVRA AOS AUTORES PORTUGUESES

José Saramago

Do autor:

- A Noite Que Farei com Este Livro?*
- Levantado do Chão*
- Os Poemas Possíveis*
- Memorial do Convento*
- Manual de Pintura e Caligrafia*
- Objecto Quase*
- O Ano da Morte de Ricardo Reis*
- Viagem a Portugal*
- Provavelmente Alegria*
- Deste Mundo e do Outro*
- A Bagagem do Viajante*
- A Jangada de Pedra*
- A Segunda Vida de Francisco de Assis*
- O Ano de 1993*
- História do Cerco de Lisboa*
- Os Apontamentos*
- O Evangelho Segundo Jesus Cristo*
- In Nomine Dei*
- Cadernos de Lanzarote - I*
- Cadernos de Lanzarote - II*

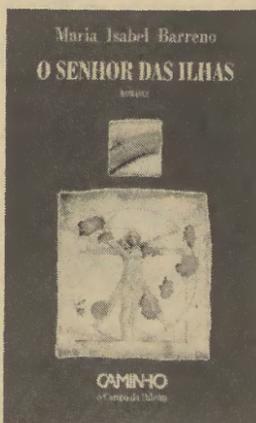


25% de desconto

Maria Isabel Barreno

Da autora:

- A Morte da Mãe*
- Crónica do Tempo*
- O Enviado*
- O Chão Salgado*
- Os Outros Legítimos Superiores*
- Os Sentos Incomuns*
- O Senhor das Ilhas*



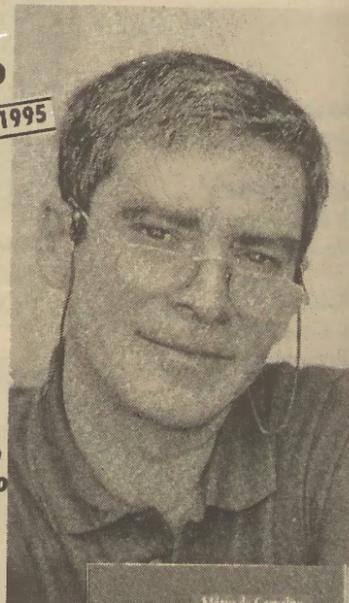
25% de desconto

Mário de Carvalho

Grande prémio da APE, 1995

Do autor:

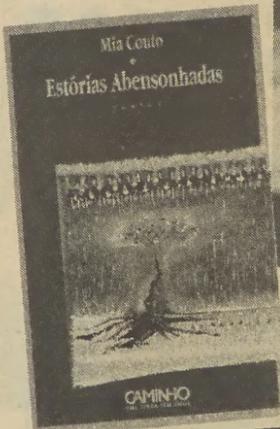
- Os Alferes*
- Contos da Sétima Esfera*
- Quatrocentos Mil Sestércios, Seguido de O Conde de Jano*
- Caso do Beco das Sardinheiras*
- Água em Pena de Pato*
- A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho*
- A Paixão do Conde de Fróis*



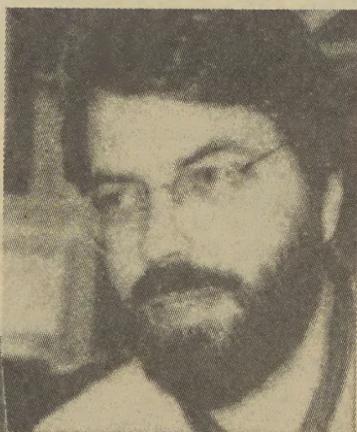
25% de desconto

A MELHOR LITERATURA DE TODO O MUNDO

Mia Couto



25% de desconto



Do autor:

- Vozes Anoitecidas*
- Cada Homem É Uma Raça*
- Cronicando*
- Terra Sonâmbula*
- Estórias Abensonhadas*



Gonzalo Torrente Ballester

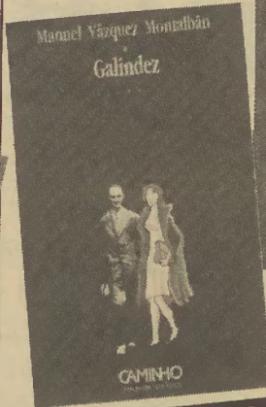
Do autor:

- Fragments de Apocalipse*
- Crónica do Rei Pasmado*
- A Morte do Decano*

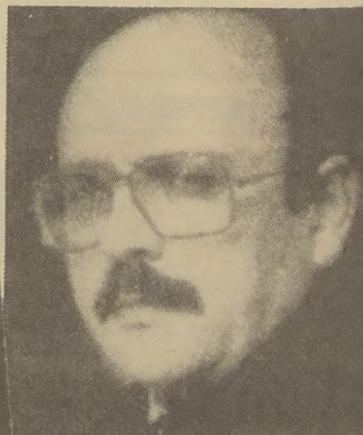
25% de desconto



Manuel Vázquez Montalbán

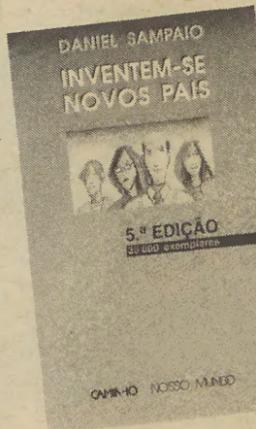


25% de desconto



Do autor:
O Pianista Galindez

Para conhecer os problemas do mundo contemporâneo



Daniel Sampaio, *Inventem-se Novos Países*

~~2499\$00~~ 1500\$00

Albert Memmi, *O Racismo*

~~2205\$00~~ 1500\$00

Rui Afonso, *Um Homem Bom*

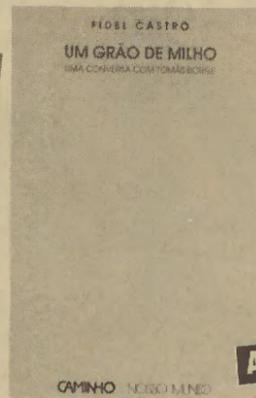
~~3398\$00~~ 2500\$00

Constance Colonna-Cesari, *Urbi et Orbi*

~~3368\$00~~ 2000\$00

Tomás Borge, *Um Grão de Milho*

~~2948\$00~~ 1900\$00



Aproveite os preços da Festa!

Mais de três dezenas de editoras representadas

TUDO A PREÇOS DE FESTA